

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

HELIO SOARES DA SILVA

**O CORPO NOS LABORATÓRIOS
DE LITURGIA DA REDE CELEBRA**

GOIÂNIA
2013

HELIO SOARES DA SILVA

**O CORPO NOS LABORATÓRIOS
DE LITURGIA DA REDE CELEBRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião.

Orientadora: Profa. Dra. Irene Dias de Oliveira

GOIÂNIA
2013

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

Silva, Helio Soares da.
S586c O Corpo nos laboratórios de liturgia da Rede Celebra
[manuscrito] / Helio Soares da Silva. – 2013.
94 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, Mestrado em Ciências da Religião, 2013.
“Orientadora: Profa. Dra. Irene Dias de Oliveira”.
Bibliografia.

1. Corpo humano. 2. Liturgia. 3. Sinais e símbolos. I. Título.

CDU 27-528-276.63(043)

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA
EM 2 DE DEZEMBRO DE 2013 E APROVADA COM A NOTA 85 PELA
BANCA EXAMINADORA

1) Dra. Irene Dias de Oliveira / PUC Goiás (Presidente) Irene Dias de O.

2) Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás (Membro) ctt

3) Dr. Márcio Luiz Fernandes / PUC Paraná (Membro) Márcio Luiz Fernandes

Declaramos que esta dissertação é original e não foi copiada de nenhuma outra fonte. Declaramos também que esta dissertação não contém plágio e que todos os dados e informações foram obtidos de fontes confiáveis. Declaramos ainda que esta dissertação não contém informações que possam causar danos à saúde ou à segurança de qualquer pessoa. Declaramos por fim que esta dissertação não contém informações que possam causar danos ao meio ambiente.

Dedico este trabalho à memória de meu Pai à minha mãe, à minha família, aos amigos e especialmente ao meu filho, Rogério, que têm dado cor e alegria à minha existência, tornando-se para mim em agentes inspiradores para uma maior realização pessoal, através do reconhecimento de mim, de Deus, do outro e do

AGRADECIMENTOS

A Deus pela inspiração e força para a realização deste trabalho. À Pontifícia Universidade Católica de Goiás pelo apoio na pesquisa. Aos colegas do corpo docente e discente pela partilha das experiências. À Rede Celebra que me inspirou este trabalho. À minha orientadora pela paciência, dedicação e estímulos.

"Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos".

(Fernando Pessoa)

RESUMO

O objeto deste trabalho é o corpo nos laboratórios de liturgia da Rede Celebra. O estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica e observação participante. Foi averiguada se os métodos utilizados nos laboratórios litúrgicos realmente garantem a participação plena da pessoa na liturgia; se os indivíduos envolvidos adquirem uma percepção mais integrada e plena de si e do outro, e qual a compreensão que eles adquirem do cosmo. Constatou-se que Rede assume o corpo como elemento de importância capital para a realização do rito, por isso, ela tem procurado, através dos laboratórios de liturgia, trabalhar para que os envolvidos na ação litúrgica possam se posicionar de modo pleno, compreendendo neste sentido a redescoberta da corporeidade. Tal esforço tem contribuído para uma melhor compreensão do ser humano na sua inteireza, onde o indivíduo percebe-se a si mesmo interagindo com o seu semelhante, com o cosmo e com o transcendente.

Palavras-chaves: Corpo, rito, símbolo, holística, Rede Celebra

ABSTRACT

The object of this work is the body in the laboratories of the liturgy celebrates Network. The study was conducted through literature research and participant observation. It was investigated whether the methods used in laboratories litúrgicos actually ensure the full participation of the person in the liturgy; if the individuals involved acquire a more integrated and full perception of self and other, and how they acquire understanding of the cosmos. It was found that Network takes over the body as an element of capital importance for the completion of the rite, so she has sought, through the liturgy laboratories, working for those involved in liturgical action can be positioned fully in comprising this sense the rediscovery of corporeality. This effort has contributed to a better understanding of the human being in its entirety, where the individual perceives himself interacting with his peers, with the cosmos and with the transcendent.

Keywords: body, ritual, symbol, holistic, Network Celebrates

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEBI: Centro de Estudos Bíblicos

CEBs: Comunidades Eclesiais de Base.

CELMU: Curso Ecumênico de Formação e Atualização Litúrgico-Musical

CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

CP: Carta de Princípios (da Rede Celebra)

DL: Dicionário de Liturgia

ISPAL: Instituto Superior de Pastoral Litúrgica

ODC: Ofício Divino das Comunidades

SC: *Sacrossanctum Concilium*.

ASLI: Associação dos Liturgistas do Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O CORPO NA LITURGIA CATÓLICA	15
1.1 Noção de Rito e Liturgia	15
1.2 Panorama da Concepção do Corpo na História	22
1.3 O Corpo na Liturgia Romana	27
1.4 Cenário da Concepção do Corpo na Teologia	35
2 A REDE CELEBRA	40
2.1 A Origem da Rede Celebra	40
2.2 O Movimento Litúrgico	41
2.3 A Liturgia e o Concílio Vaticano II	45
2.4 As Comunidades Eclesiais de Base	49
2.5 Consolidação da Formação da Rede Celebra	51
2.6 Características da Rede Celebra	53
2.7 A metodologia da Rede Celebra	55
3 A CONCEPÇÃO DE CORPO DA REDE	60
3.1 Corpo e Ecolologia na Rede Celebra	60
3.2 O Paradigma Ecológico como Princípio para o Conhecimento	64
3.3 Resgates da Compreensão Unitária do Ser Humano da Bíblia	68
3.4 Como a Rede Celebra Compreende o Rito	71
3.5 A Rede Celebra e os Laboratórios de Liturgia	73
3.6 Elementos dos Laboratórios de Liturgia	78
3.7 Características da Ação Litúrgica Segundo a Rede Celebra	80
3.8 O corpo na Liturgia	82
CONCLUSÃO	87
REFERÊNCIAS	91

INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte do pressuposto de que o corpo é um elemento essencial para a realização do rito. Embora, hoje se tenha um maior conhecimento sobre a importância do corpo, isto não tem sido uma constante na história da humanidade, de fato, no passado o corpo foi considerado do ponto de vista negativo, parte disto deve-se ao helenismo (323 a. C. – 146 a. C.) que tem exercido grande influência na história do pensamento até os nossos dias. O dualismo da antiguidade grega tem marcado profundamente a reflexão antropológica; às vezes o corpo é visto como obstáculo para a realização plena do ser humano, às vezes como meio, porém, ele nunca aparece como elemento essencial do ser humano.

Recentemente têm surgido muitas reflexões e pesquisas onde o corpo tem sido reconhecido como elemento efetivo do ser humano, a partir do século XIX, começa-se a estabelecer nas pesquisas uma conexão entre o ser humano e a natureza, entre o corpo e a humanidade. O ser humano passa a ser concebido não como um ser fracionado, onde existem partes essenciais e outras secundárias, ele passa a ser entendido a partir de sua inteireza, passa a ser valorizado na sua totalidade. Essas novas reflexões antropológicas têm se manifestado em diversos setores, inclusive nas atividades religiosas, daí a nossa proposta de pesquisar os ritos católicos a fim de averiguar qual a concepção de corpo que prevalece e como essas novas reflexões sobre o corpo tem interferido nos ritos.

Hoje se percebe que em alguns eventos o corpo como elemento importante na liturgia católica tem sido lembrado. Neste sentido destaca-se a participação da Rede Celebra nos seguintes eventos: as Semanas Nacionais de Liturgia que acontecem em São Paulo todos os anos no mês de outubro, os Seminários Nacionais promovidos pela CNBB e os encontros intereclesiais das Comunidades de Base. Também podemos ressaltar o Curso de Atualização Litúrgica, promovido pela Rede em Goiânia que, através do método mistagógico, dos laboratórios litúrgicos e vivências de recortes e rituais, buscam-se um melhor envolvimento das pessoas na inteireza do ser. Ao participar de algumas dessas atividades, tenho observado o modo de como a Rede realiza o seu trabalho para o desenvolvimento da consciência corporal,

assim, julguei importante abordá-lo em nossa reflexão, portanto, é esse o objeto de nosso trabalho: O Corpo nos Laboratórios de Liturgia da Rede Celebra.

Tenho formação em artes cênicas e, sabe-se que para o ator não basta estudar o texto, é necessário adequar o nosso corpo para um bom desempenho do trabalho a ser realizado. Dada a essa formação, tenho sido convidado para auxiliar nos laboratórios de liturgia oferecidos pela Rede Celebra com exercícios que ajudam os participantes a compreender melhor o corpo. Essa experiência tem despertado o meu interesse e o do grupo para uma melhor compreensão do corpo nos ritos católicos. A partir das observações dos rituais católicos tradicionais e da minha participação na Rede Celebra surgiram algumas questões:

- ✓ Qual a noção de corpo que prevalece no rito católico?
- ✓ Nos ritos católicos o corpo tem sido valorizado? Como?
- ✓ Tais ritos têm reforçado o dualismo corpo-alma? Por quê?
- ✓ Como os laboratórios litúrgicos da Rede Celebra têm ajudado a superar esse dualismo?

O que se busca neste trabalho é principalmente averiguar se os métodos utilizados nos laboratórios litúrgicos garantem a participação plena da pessoa (corpo/mente/coração) na liturgia, se os indivíduos envolvidos adquirem uma percepção mais integrada e plena de si e do outro, e qual a compreensão que eles adquirem do cosmo, uma vez que a Rede realiza o seu trabalho buscando resgatar o corpo de uma forma holística, ela o percebe como uma unidade biopsicossocial-espiritual.

Toda atividade humana se baseia no corpo, assim compreendemos que todo ato religioso também se fundamenta no corpo e se desenvolve a partir dele, neste sentido consideramos como hipótese o corpo como premissa capital para uma efetiva realização do rito e para uma melhor admissão daqueles que dele participam. Sendo assim, faz-se necessário que se busque uma melhor compreensão do envolvimento do corpo nos diversos passos do rito, por isso, é que procuramos investigar o trabalho que a Rede Celebra realiza para levar os envolvidos na liturgia a uma melhor compreensão do corpo para uma melhor efetivação dos ritos.

Como principal método de trabalho este trabalho faz uso da observação participante por compreender que ele é um excelente recurso para pesquisa do campo religioso pelo fato de possibilitar a inserção mais densa nas práticas e representações vivenciadas pela respectiva expressão religiosa escolhida para estudo. Por esse método é possível acompanhar de modo mais próximo o caso investigado. Como eu tenho participado de algumas atividades promovidas pela Rede Celebra, pude observar o modo como a equipe de formação realiza os seus trabalhos e como as pessoas envolvidas desenvolvem o seu aprendizado. Foi-me permitido decodificar de forma presencial os imaginários, o vocabulário, símbolos e ritos, vivenciados pelos integrantes que participaram dessas experiências.

Também fizemos uso da pesquisa bibliográfica. Em relação ao nosso objeto de pesquisa encontram-se algumas referências produzidas pela Rede Celebra durante as Semanas Nacionais de Liturgia que acontecem todos os anos em São Paulo no mês de outubro, nos Seminários Nacionais de Liturgia promovidos pela CNBB; nos Cursos de Atualização Litúrgica agenciados pela Rede Celebra em Goiânia. Nestes eventos têm-se valorizado o método mistagógico, os laboratórios litúrgicos e vivências de recortes de rituais, e se têm produzido manuais importantes para a reflexão sobre o corpo nos rituais. Além destes manuais são muitos os autores que se debruçam sobre o tema. Entre eles destacam-se: Ione Buyst (2011) que em suas pesquisas reafirma a importância do corpo para a realização dos ritos; Baronto (2006), que fala sobre a contribuição da visão holística para experiência dos laboratórios litúrgicos; Joel A. Ferreira (2011), que reflete sobre duas antropologias diversas que emergem de duas culturas diferentes, a civilização helênica que se baseava no dualismo corpo e alma, e a semítica que concebia o corpo como o ser humano na sua totalidade, o corpo é apresentado na visão do ser humano integral; Susin (2003), que discorre sobre o paradigma ecológico como princípio para o conhecimento. Outros autores, não menos importante, foram acionados com a finalidade de se compreender e aprofundar o tema da corporeidade. Procuramos abarcar também bibliografias referentes às Ciências da Religião e em particular a Antropologia da Religião com a finalidade de observar e explorar novos elementos que julgamos que mereçam ser analisados. Procuramos, neste sentido, apresentar novos enfoques sobre o

tema em questão e contribuir para que a pesquisa sobre a corporeidade siga avançando.

Consideramos o trabalho desenvolvido pela Rede Celebra como pioneiro. Embora experiências já houvessem sido realizadas principalmente pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a Rede procurou sistematizar uma metodologia própria para a formação das pessoas envolvidas com a liturgia. O que se busca nesta pesquisa, por meio de três capítulos, é compreender o que levou a Rede Celebra a se interessar pelo trabalho corporal. Portanto, no primeiro capítulo procura-se situar o corpo na tradição litúrgica católica, traçando um cenário de como o corpo foi concebido na história através do exercício da ritualidade e, como o modo do corpo se expressar ritualmente é fruto da cultura, da visão que o ser humano tem de si e do mundo que o envolve. No segundo capítulo é apresentada a Rede Celebra onde se procura entender o que influenciou a sua origem, o que a caracteriza como grupo de formação litúrgica singular no contexto eclesial católico. Busca-se compreender principalmente a metodologia da Rede que tem por objetivo a participação integral do indivíduo na ação litúrgica. Enfim, no terceiro capítulo, é visto que a Rede apoia-se no paradigma holístico, procurando superar a concepção dualista do ser humano em vista de uma percepção mais integradora da pessoa.

Refletir sobre essas experiências é importante, elas traduzem um esforço para que o ser humano se assuma na sua totalidade. Tais experiências surgiram depois de muitas pesquisas e de diálogos entre pessoas e grupos. O registro desses esforços pode vir a ser uma contribuição para outros pesquisadores que tem se debruçado sobre esse tema.

10 CORPO NA LITURGIA CATÓLICA

Neste capítulo o corpo é situado no âmbito da liturgia católica. Sabe-se que o corpo é elemento essencial para a realização do rito. Sem ele não há rito, não há liturgia. Porém, o que se entende por corpo? Que espécie de rito e liturgia será abordada para situar o corpo? É respondendo a essas perguntas que pode-se entender o propósito da Rede Celebra no seu trabalho com os laboratórios de liturgia.

1.1 Noção de Rito e Liturgia

Antes de adentrar no temaproposto, faz-se necessário resgatar o que se tem dito sobre a palavra liturgia. Atualmente esse termo tem sido usado apenas em sentido religioso, porém, a sua origem nos remete ao grego clássico:

A palavra grega *leitourghía* (verbo: *leitourghéin*; substantivo de pessoa: *leitourgós*) deriva da composição de *laós* – jônico e ático *leós* – (= povo) e de *ergon* (= obra). Tradução literalmente significa “serviço prestado ao povo” ou “serviço prestado para o bem” (AUGÉ, 2007, p. 12).

Nesta acepção da palavra liturgia podia ser utilizada tanto em sentido profano, como também no religioso. As promoções dos jogos olímpicos, como também a própria guerra em favor da nação, o culto ritual prestado às divindades em favor do povo, eram consideradas liturgias. Com o passar do tempo o termo passou a ser usado para assinalar um serviço qualquer de uma parte a favor do todo e por fim qualquer ação ou serviço prestado (BECKHÄUSER, 2004).

Os liturgistas católicos têm entendido a liturgia nesses dois sentidos. Primeiro pode ser entendido como aquilo que se chama de memória testamentária (BECKHÄUSER, 2004), que emana do testamento do novo mandamento: “Um novo preceito vos dou: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei, amai-vos uns aos outros” (Jo 13,34), trata-se da liturgia vivida, seja através do testemunho diário, seja através da ação pastoral dos fiéis. O outro modo de realizar liturgia é através do memorial celebrativo ritual, por meio do qual os fiéis participam do serviço de salvação que Jesus Cristo prestou à humanidade.

A compreensão de liturgia nestes dois aspectos é importante para este trabalho porque a Rede Celebra entende a liturgia como memorial ritual onde os fiéis são abençoados, chamados e enviados a abençoar pela ação litúrgica memorial testamentária na ação da caridade, no exercício da cidadania, na doação de si para que a justiça e a paz se realizem.

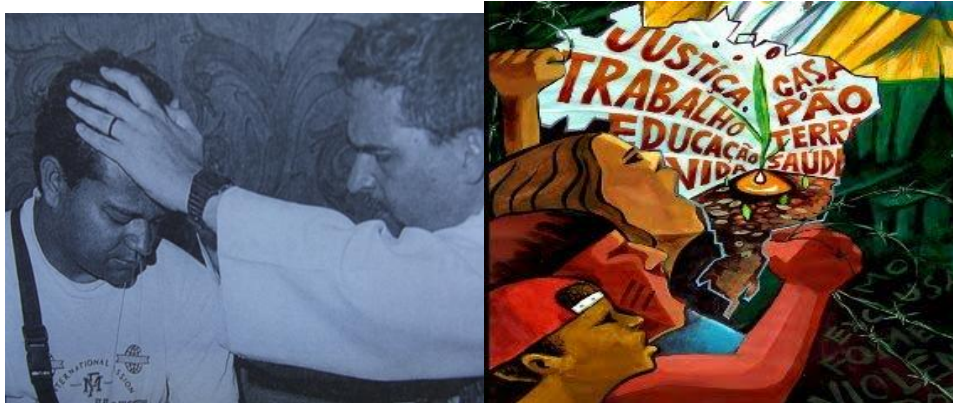


Fig. 1a: Bênção com imposição de mãos

Fig. 1b: Liturgia memorial testamentária

<http://www.redecelebra.com.br/galeria> <https://www.google.com.br/#q=pastorais+sociais>

Este trabalho se ocupa da liturgia no seu sentido estrito celebrativo ritual, porém, sem perder de vista a sua compreensão ampla, pois se sabe que, para a Rede Celebra, existe uma íntima relação entre o culto ritual e a vida de fé a perpassar toda a vida do fiel.

Portanto, uma vez definido o que se entende por liturgia, torna-se imprescindível refletir sobre o rito. Não se trata de debater sobre a relação entre rito e liturgia. Porém, compreende-se que a liturgia se organiza por meio de ritos e deles se apropria para expressar o mistério celebrado.

Todas as culturas tiveram e possuem algum tipo de expressão religiosa, que se realiza por meio da simbologia, da linguagem, da literatura, da arte, dos diversos rituais, através dos corpos doutrinários, em modelos de vida (CROATTO, 2001). Embora a vivência religiosa seja o transcendente, trata-se de uma experiência humana condicionada pelo seu modo de ser e pelo seu contexto histórico cultural. A religião está em todas as culturas, ela é um fundamento essencial ao homem. O ser humano reconhece que existe algo que está além da materialidade.

A religião pode ser vista por diversos ângulos, como por exemplo, o das crenças; porém, “o lugar verdadeiro a partir do qual se compreende uma religião, o verdadeiro observatório do mundo religioso, são os ritos” (TERRIN,

2004, p. 67). Considera-se dessa forma que para se entender uma religião é necessário dar uma especial atenção aos ritos.

Pode-se entender o rito como uma dimensão expressiva do ser humano e da sua realidade, “O rito é conatural ao homem” (TERRIN, 2004, p. 154). O rito faz parte da constituição da pessoa no conjunto cultural, sendo ele “um *quid* necessário e necessitante” (TERRIN, 2004, p. 157). O rito é fruto da necessidade que o ser humano tem de se organizar e de adaptar-se nos diversos contextos em que se encontra. “A essência do rito depende do seu debruçar-se sobre o mundo da vida e da sua capacidade de dar uma resposta às exigências fundamentais do ser humano” (TERRIN, 2004, p. 161).

Terrin (2004) reconhece que o ser humano é antes de tudo a sua corporeidade, que compreende a sua ligação com a terra, com as suas sensações e percepções. O corpo é a primeira abertura para o mundo.

O rito tem um valor “ultra significante” enquanto não somente faz o mundo ser, por meio do agir, mas situa o mundo aquém e além do pensamento, encontrando para ele um âmbito de significado que não é previamente estabelecido e que não depende de coordenadas lógicas ou especulativas. Trata-se de um originário senso de vida em que o mundo se faz encontro para o homem através do simples “oferecer-se”, sem apoios racionais. O rito, poderíamos dizer então, é a continuação do evento mundo como eco recebido e reproposto pelo homem através de seu corpo (TERRIN, 2004, p. 166).

A consciência que o ser humano tem de si é construída em torno do corpo e em relação ao mundo e, nesse sentido, o rito pode ser entendido como uma ação simbólica através do qual ele procura organizar sua experiência de sentido no mundo. Através do rito o microcosmo busca entender o macrocosmo, ele tende a criar ordem e a situar o mundo por meio de uma estruturação do ambiente. É através do nosso corpo que se inicia o diálogo ordenado e significativo com o espaço que nos circunda. Essa interação é essencial à percepção ordenada de si mesmo e do mundo. Os antropólogos têm reconhecido que o espaço é um elemento indispensável e originário do rito e, nesse sentido, pode-se afirmar que o corpo aparece como fato comunicativo em si mesmo para a efetivação do rito: “O ritual é o uso simbólico do movimento e da gestualidade do corpo, num contexto social, para expressar e articular os significados” (BOCOCK *apud* TERRIN, 2004, p. 200).

A partir da arte rupestre podemos observar que foi através do corpo que o ser humano começou a expressar-se ritualmente. As danças primitivas eram executadas pelos homens das cavernas e seus movimentos ficaram registrados em sua arte, nos desenhos gravados em rochas e nas paredes das cavernas. Como pode ser observada nas figuras a seguir, a dança estava diretamente relacionada à sobrevivência: os homens vivendo em tribos isoladas, se alimentando de caça e pesca, de vegetais e frutos colhidos da natureza, criavam rituais em forma de dança que impediriam eventos naturais de prejudicar essas atividades. Havia a dança imitativa normalmente antes da caça no qual os caçadores se vestiam com a pele do animal que pretendiam caçar.



Fig. 2 a

Fig. 2 b



Fig. 3 a e 3 b: Ilustra um ritual de dança no Egito Antigo.
(<http://edfisicaeremecjf.blogspot.com.br/2012/05/historia-da-danca.html>)



Fig. 4: Representa o ato da caça após o ritual que a precede
(<http://histdanca.blogspot.com.br/2012/08/dancas-primitivas.html>)

As cerimônias religiosas que combinavam dança, música e dramatizações, provavelmente desempenharam um papel importante na vida do homem primitivo. Elas devem ter sido realizadas para reverenciar os deuses e pedir-lhes mais sucesso nas caçadas elutas. As danças também podiam realizar-se por outras razões: como nascimento, curar um enfermo ou lamentar uma morte.

Para os historiadores a dança é a primeira forma do ser humano se expressar ritualmente, “o primeiro culto, o primeiro êxtase frente ao mundo, a primeira interpretação da realidade do mundo a partir do próprio corpo e dos sentimentos mais originais, mais ligados ao corpo e a todo comportamento humano” (TERRIN, 2004, p. 2006). Nela percebe-se o envolvimento do corpo com o espaço através de movimentos que os integram.

Observa-se que as liturgias cristãs costumam ser bastante estáticas. Porém, é importante ressaltar que a nossa cultura atual é marcada pelo movimento, e muitas das tradições rituais de nossos antepassados incluem danças. Também vários textos bíblicos fazem o convite à dança: “Os justos se alegram na presença do Senhor, ele exultam e dançam de alegria” (Salmo, 68, 4); “Louvem seu nome com danças, toquem para ele cítara e tambor” (Salmo, 149,3); “Louvai-o com dança e tambor, louvai-o com cordas e flauta” (Salmo 150,4).

Os liturgistas ao situar a dança entre os elementos rituais da liturgia cristã, procuram advertir que ela não pode ser tratada como um enfeite, um anexo alheio àquilo que se celebra. Como todos os elementos rituais, a dança deve ser expressão do mistério celebrado (BUYST, 2003). Não se trata de dançar na liturgia, mas de dançar a liturgia, expressar e vivenciar a ritualidade através da dança.

Nas figuras a seguir o que se pretende ilustrar é como a dança pode se desenvolver numa ritualidade de modo a expressar o mistério celebrado. As figuras 5,6 e 7, tratam-se da abertura da Campanha da Fraternidade de 1996, que trazia consigo o tema: Justiça e Paz se abraçarão. Na figura 8 e 9 tratam-se da coroação da imagem de Nossa Senhora Aparecida, por ocasião de sua festa, em 12 outubro de 1995.

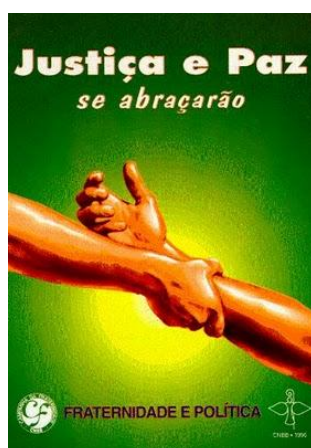


Fig. 5

(Cartaz da Campanha da Fraternidade de 1996)



Fig. 6

Fig. 7

(Rito de abertura da Campanha da Fraternidade Justiça e Paz se abraçarão – 1996 –
Arquivo pessoal)



Fig. 8

Fig. 9

(Rito coroação da imagem de Nsa Senhora Aparecida – Músicas CD Missa dos Quilombos – com Milton Nascimento e D. Elder Câmara – Arquivo pessoal).

Se o rito pode ser compreendido como um esforço do ser humano em dar alguma resposta às exigências fundamentais no que se refere à vida, onde se busca dar sentido à existência, o que se pode afirmar da liturgia cristã? Compreende-se que ela se refere a um conjunto de celebrações que surgiram nas comunidades cristãs ao longo da história e que expressam a fé, as convicções, o modo de compreender a vida e, principalmente o modo do crente se relacionar com o transcendente e com toda realidade por ele criada. A liturgia cristã procura realizar uma comunhão com o sagrado, com o cosmo e com as mulheres e homens entre si.

O Concílio Vaticano II, em sua constituição “*Sacrossanctum Concilium*” descreve a liturgia como:

exercício da função sacerdotal de Cristo. Ela simboliza através de sinais sensíveis e realiza em modo próprio a cada um a santificação dos homens. Nela o corpo místico de Jesus Cristo, cabeça e membros, presta a Deus o culto público integral (SC 7).

Esta noção de liturgia é relevante neste trabalho porque traz elementos que são assumidos pela Rede Celebra. O Concílio concebe a liturgia em um duplo movimento, aquele que de Deus desce ao homem e aquele que do homem sobe a Deus. A centralidade litúrgica está na pessoa de Jesus Cristo, expressando o mistério que envolve o seu nascimento, sua vida, morte e ressurreição, porém, a ação ritual que expressa esse mistério assume uma forma cultural, ele é celebrado com sinais sensíveis que passam pelo corpo das pessoas.

Destaca-se também, a partir desta noção de liturgia, a dimensão comunitária, Cristo é a cabeça da Igreja e os fiéis os membros, por isso diz-se,

corpo místico de Jesus Cristo. Ao reconhecer a liturgia como uma ação da comunidade, procura-se resgatar os diferentes ministérios nas ações litúrgicas, a participação plena, ativa e frutuosa dos fiéis nas celebrações (BUYST, 2003). Com esse modo de entender a liturgia assume-se um novo jeito de compreender a Igreja. Passa-se a crer que quem celebra a liturgia é toda assembleia. “Os presbíteros não celebram para o povo, mas juntamente com ele, fazendo parte dele e estando ao seu serviço” (BUYST, 2003, p. 93).

O propósito desta pesquisa é trabalhar com esta concepção de liturgia admitida pelo Concílio Vaticano II. Sabe-se o quanto a Rede Celebra tem se esforçado em seus estudos e trabalhos para que a renovação litúrgica seja uma realidade nas diversas comunidades. Parte-se também do pressuposto do ser humano como uma unidade indivisível, compreendendo que as expressões como matéria e espírito, corpo e alma, exterioridade e interioridade são formas usadas para expressar aspectos desta unidade.

A seguir será apresentada uma visão geral da concepção do corpo na liturgia católica. Neste sentido, será relevante o aspecto relacional dos saberes, sobretudo entre a filosofia e a teologia, de onde surgiram as bases teóricas, ou ideológicas, que nortearam as práxis pastorais e litúrgicas ao longo da história da Igreja. Portanto, será apresentado um rápido panorama das concepções de corpo na história, onde se busca resgatar algumas noções que tem influenciado o exercício religioso do crente.

1.2 Panorama da Concepção de Corpo na História

O termo corporeidade é relativamente novo, a partir do século XIX que a reflexão sobre o ser humano começa a ter uma nova direção. O corpo passa a ser pensado em sua totalidade e não é mais visto como constituído de duas partes separadas. Aspectos físicos e psíquicos estão interagindo. Já não é possível entendê-los separadamente. Um longo caminho foi percorrido para se chegar a esse entendimento, desde a Grécia antiga até os nossos dias. Ao perscrutar a história verifica-se que o universo do corpo humano altera de acordo com a cultura. As diferentes visões de mundo que emergem das influências exercidas pelas crenças, a física, a técnica, a medicina e as ciências sociais nos levam a percepções diferentes do corpo.

O dualismo grego tem marcado toda a reflexão antropológica até o início do século XVIII. Na história do pensamento filosófico ocidental, o ser humano permaneceu entre dois polos: “o corpo e alma, o conhecimento sensível e o conhecimento inteligível, o mundo da matéria e o mundo do espírito, a vida terrena e a vida ultraterrena” (PANNENBERG *apud* REYES, 2005, p. 16). Assim, nesse período, a reflexão sobre o ser humano ocorreu entre o corpo e outra realidade, seja ela alma, mente ou espírito.

A partir do Renascimento surgem diversas inovações tendo como alicerce o espírito livre do mundo grego da Antiguidade. Observa-se que nas artes a racionalidade, a beleza e a proporção colocam o corpo num lugar central (REYES, 2005). Os escritores são influenciados pelo neoplatonismo, as ideias sobre as capacidades intelectuais da alma são reforçadas, onde surge um novo dualismo, a alma separada e distinta do corpo é livre para realizar suas escolhas e decisões. O corpo é visto como o lugar dos instintos e apetites.

O Iluminismo apresenta um ser humano ativo e reivindicando ser o autor da sua própria história, consciente de sua liberdade e dos seus sentimentos. A antropologia deste período se caracteriza na crença na inteligibilidade racional do domínio humano. Reflexões que marcaram esta fase (REYES 2005): para Rousseau a conscientização surge da espontaneidade das emoções e dos sentimentos no contato livre com a natureza; no entendimento de Kant o homem precisa abafar a sua afetividade através da disciplina, esforço e trabalho para transformar a sua animalidade em humanidade; o corpo em Hegel aparece como manifestação externa do espírito, este impregnado de um espírito se constrói a si mesmo transformando a natureza pelo trabalho; para Marx o ser humano deve ser compreendido como uma essência histórica, na corporeidade encontra-se a totalidade do ser humano, essa totalidade é objetivada por meio dos sentidos e do trabalho.

A partir do século XIX a percepção do ser humano começa a mudar, o motor que impulsionou uma nova reflexão foi o interesse das ciências no estudo da natureza humana, elas procuravam estabelecer um vínculo entre o ser humano e a natureza, entre corpo e a humanidade. O corpo, anteriormente envolvido em mistérios, segredos e enigmas, vai cada vez mais despertando interesse, adquirindo centralidade, “de ocultado transformou-se em objeto de

exposição, admiração, desejo, interferências” (MATTOS, 2005, p. 65). Há um crescente interesse pelo corpo como objeto de pesquisa onde diferentes abordagens são enfocadas. A historicidade do corpo desafia os pesquisadores, ele passa a ser matéria de investigação nas diferentes áreas do conhecimento e disciplinas. Despontando como objeto de investigação histórica o corpo traz em si as marcas de gênero, de classe ou de origem. O corpo surge teoricamente no século passado a partir da psicanálise, do existencialismo e da antropologia, assim, “o corpo foi ligado ao inconsciente, amarrado ao sujeito e inserido nas formas sociais de cultura” (COURTINE, 2009, p. 8).

Com o avanço da medicina, o início do século XX assume o corpo como objeto de análise para entender o comportamento do ser humano no que diz respeito ao gênero, identidade, espaço e tempo. A influência médica tornou o corpo, a cidade, a família e a mulher assuntos para discussão e interferência dos médicos. O crescimento urbano e a expansão da indústria levaram a uma maior circulação de corpos. Neste contexto também se percebe o aumento da pobreza, da fome, epidemias e o crescimento da mortalidade precoce. Neste quadro a medicina se institucionaliza, reorganizando suas pesquisas, técnicas e instruções, apresentando novos conceitos sobre o corpo, sua forma, funcionamento e cuidados. A medicina se transforma em “instrumento privilegiado de regulamentação física e moral” (MATTOS, 2005, p. 69). Surge uma releitura do corpo feminino, e nasce uma ciência da mulher. O médico passa a ocupar um lugar importante para a normatização de comportamentos dos corpos do homem e da mulher. O início do século passado marca os comportamentos “conforme um perfil homogêneo e hegemônico de masculinidade e feminilidade adequado ao novo regime e a uma perspectiva sacramental” (MATTOS, 2005, p. 72); o domínio do homem sobre a mulher é legitimado por discursos médicos que justificavam as funções tradicionais ligadas aos corpos. O corpo feminino estava centralizado no sistema reprodutivo e o corpo masculino no trabalho, reforçando a identidade do homem como provedor da família.

Na atualidade observam-se alguns paradoxos vivenciados pela proliferação acelerada de produtos, tecnologias, terapias e saberes que visam o fortalecimento e o embelezamento do corpo. Percebe-se uma luta do ser humano em valorizar o corpo e liberá-lo de antigos pudores e coações de todo

tipo, ao ponto que tudo se passa como se após séculos de culpabilizações o corpo tivesse conquistado um lugar de destaque para ser finalmente valorizado e explorado (SANT'ANNA, 1998). Nesse sentido há rupturas com o passado

Ruptura em relação às regras de condutas misóginas e filiadas ao eugenismo; ruptura perante a tradição religiosa, devota à pureza sexual; ruptura com uma moral do sacrifício e, enfim, ruptura com as informações contidas no patrimônio genético de cada um (SANT'ANNA, 1998, p. 35).

Estas rupturas estão longe de serem realizadas de modo homogêneo e por completo, as buscas da valorização do corpo se esbarram sempre com novos tipos de violência e exploração. Entre os diversos paradoxos que caracterizam a história do corpo a autora situa aquele que se explica pelo binômio potência/fragilidade, ela destaca três exemplos históricos:

- I. Refere-se às culturas em que o homem é um corpo em vez de ter um corpo. É quando a potência corporal está justamente nas forças externas ao homem e que, ao mesmo tempo, o atravessam constantemente.
- II. Situa-se na época moderna quando o corpo, já fechado sobre ele mesmo e separado do cosmo, possui a potência de fazer sozinho e altamente a obra da natureza, sem submeter a seus desígnios. (...) Aqui a potência do corpo está em produzir mais e mais energia. Mas sua fragilidade está justamente na perda desta energia.
- III. O corpo pensado não apenas como máquina produtora de energia, mas também, e principalmente, como tecnologia geradora de informação e de um bem estar sem fronteiras. (...) Agora é o bem-estar individual e a obtenção de um estoque suplementar sobre si mesmo que se tornam justificativas inquestionáveis (SANT'ANNA, 1998, p. 36).

Para Valverde (1998) o conceito de corpo é histórico, mas enquanto sensibilidade partilhada pela coletividade é cultural. Segundo seu modo de avaliar, no decorrer da história houve uma desqualificação do corpo como espécie de contraposto material e opaco da livre atividade que definiria o sujeito enquanto tal. O corpo permanece num estado de inércia imanente, visivelmente oposto a toda atividade do espírito, nesse sentido, o corpo estaria “condenado a permanecer fora do registro da cultura, alheia à reversibilidade, à complexidade e à criatividade que caracterizam a vida simbólica” (VALVERDE, 1998, p.44).

Merleau-Ponty (2006) afirma que o corpo ensina um modo de unidade que não deve ser tomada a uma lei. O ser humano não se coloca diante de seu próprio corpo, ele está no corpo, é seu próprio corpo. O corpo não pode ser comparado a um objeto físico, mas a uma obra de arte porque ele

possui múltiplas significações, ele “não é a lei de certo número de termos covariantes” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 210). O corpo é como um conjunto de significações vividas que caminha para um equilíbrio. Neste sentido, o ser humano por meio de suas experiências amplia, enriquece e reorganiza seu esquema corporal.

Embora se perceba um encaminhamento para uma melhor compreensão do homem em sua inteireza, onde a corporeidade ocupa um lugar privilegiado, percebe-se o quanto essas noções estão integradas aos conceitos coletivos e pessoais e, embora apropriando-se de novas reflexões sobre o corpo, ainda permanece profundamente enraizada na cosmovisão em geral aquilo que recebemos do passado, as atividades e comportamentos parecem se distanciarem daquilo que é racionalmente assumido.

Compreende-se que o ser humano, culturalmente composto de corpo e alma, tem sido concebido de um modo fragmentado. Na hierarquia a alma ocuparia o primeiro lugar e o corpo seria como um instrumento para o aperfeiçoamento da alma, esta estaria destinada à eternidade, o corpo condenado à morte. Com o avanço das ciências sociais, com o intercâmbio das pesquisas e descobertas, através da proximidade cada vez maior de outras culturas, o homem tem passado por muitos conflitos. O choque cultural produz novas concepções, seja de um modo tranquilo ou não. Quando se refere ao corpo o conflito é mais intenso por não se tratar apenas de crença, ideologias ou tradições, diz respeito à pessoa mesmo. É possível que se aproprie racionalmente e compartilhar aquilo que Merleau-Ponty (2006) afirma sobre o corpo, no entanto, há dificuldades de assumir isso no próprio corpo. Fatores psicossociais entram em diálogo com as novas informações, aquilo que no processo dialético Berger (1985) chama de exteriorização, objetivação e interiorização¹.

O ser humano tem necessidade de se organizar e de adaptar-se ao ambiente em que se encontra. Como foi referida anteriormente, a essência do

¹A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens. A objetivação é a conquista por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles. A interiorização é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-as novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas do mundo subjetivo. É através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É através da objetivação que a sociedade se torna uma realidade *sui generis*. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade (BERGER, 1985, p. 16).

rito está no ser humano posicionar-se diante do mundo, em busca de uma resposta às suas exigências (TERRIN, 2004). Na ação ritual realiza-se o processo dialético assinalado por Berger (1985). Pela exteriorização o ser humano através de sua atividade física e mental entra em comunhão com o mundo que está a sua volta. Trata-se de uma comunhão dialogal onde o que se procura por meio da ação simbólica ritual é organizar a sua experiência de sentido do mundo, é a tentativa de objetivação, o que se busca também é consciência de si, arquitetada por meio do corpo em relação com o mundo. Terrin (2004) refere-se ao rito como pausa simbólica em relação ao tempo profano que redime o tempo ordinário, introduzindo neste “uma pausa de silêncio ou também – se preferir – de ‘silêncio/barulho semântico” (TERRIN, 2004, p. 247). Por meio da interiorização os esquemas temporais são rompidos para em seguida serem recompostos de um modo mais significativo e válido.

A responsabilidade das instituições religiosas é grande quando é compreendida a força que elas possuem de legitimação. Sendo elas um produto da humanidade, também elas estão em contínuo diálogo com o mundo e sujeitas a mudanças. A religião é uma realidade social e, assim como as diversas culturas estão sujeitas à mudança, também as instituições religiosas recebem influências do contexto social em que se encontram. O rito pode ser assumido como lugar de um verdadeiro observatório do mundo religioso. A liturgia católica ao longo da história passou por muitas transformações no encontro com as diversas culturas, o que é confirmado pela história da arte sacra. Um olhar para as arquiteturas leva a refletir sobre a concepção de mundo e a antropologia de cada época. Partindo das liturgias domésticas, passando pelas basílicas medievais, pelas arquiteturas românticas, góticas, renascentistas e barrocas, fica clara qual a concepção de mundo, de igreja e de corpo que se tem em cada época.

1.3 O Corpo na Liturgia Romana

As primeiras manifestações litúrgicas cristãs foram herdadas do judaísmo. À medida que pessoas de outras culturas se incorporavam à Igreja a liturgia adotava expressões próprias dessas culturas, resultando uma crescente

diversificação de formas externas de se fazer liturgia. É possível classificar a liturgia nos seguintes estágios cronológicos:

- I. Primeiro: (Séculos I-II) - há certa unidade litúrgica (não uniformidade rígida) em todas as comunidades. Procura-se garantir o que é essencial, recebido da tradição, em meio a uma grande liberdade e espontaneidade.
- II. Segundo: (séculos III-IV) - vai-se criando uma multiplicidade sempre maior de formas celebrativas: cada comunidade vai fixando seus costumes, seus ritos, suas orações.
- III. Terceiro: (a partir do século V) - em plena atmosfera de liberdade estabelecida sob Constantino e seus sucessores, se dá uma unificação progressiva (não ainda do tipo universal, mas regional): é o momento da criação das diversas famílias ou ritos litúrgicos, tanto no Oriente como no Ocidente (BUYST, 2003, p. 34).

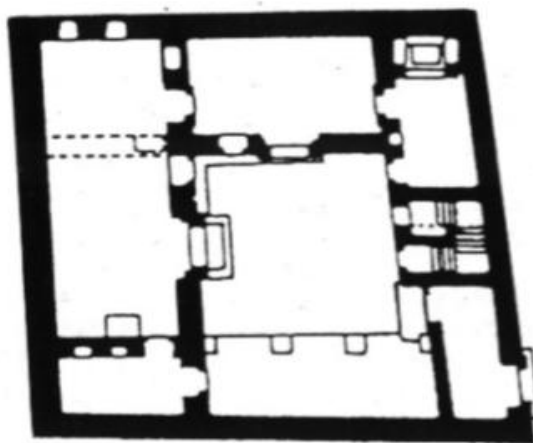
A diversidade de formas de como era celebrada a fé dos cristãos fez com que surgissem e se organizassem diferentes ritos, constituindo assim as grandes famílias litúrgicas, organizadas a partir dos mais antigos e influentes patriarcados: Antioquia, Alexandria e Roma (BUYST, 2003). Essas famílias litúrgicas podem ser assim identificadas:

- I. As liturgias orientais, que se distinguem em dois grupos, por causa de seus patriarcados de origem (Antioquia e Alexandria): o grupo antioqueno e o grupo alexandrino. O grupo antioqueno se subdivide em siríaco ocidental (que compreende o siríaco de Antioquia, o maronita, o bizantino e o armênio) e o siríaco oriental (que compreende o rito nestoriano, o caldeu, na Mesopotâmia, e o malabar, na Índia). O rito alexandrino abrange o rito copta e o etiópico.
- II. As liturgias ocidentais são: a romana (da diocese de Roma), a ambrosiana (própria da diocese de Milão), a hispânica (peculiar da Espanha). Atualmente na prática, conserva-se apenas um rito ocidental: o romano. Dos outros restaram apenas vestígios, ou estão limitados lugares bem determinados (como é o caso dos ritos ambrosiano e hispânico) (BUYST, 2003, p. 35).
- III.

Este trabalho se fundamenta na liturgia romana porque foi ela que exerceu grande influência sobre as liturgias ocidentais, durante muito tempo ela foi praticamente a única liturgia do Ocidente (latino) e dos povos de missão (América, Ásia e África). Portanto, julgamos importante conhecê-la, saber como ela surgiu e se desenvolveu.

Jesus e os apóstolos não criaram uma liturgia totalmente nova. A liturgia cristã tem a sua origem em continuidade com a liturgia hebraica, assumida em um novo referencial, o mistério do Cristo.

O primeiro espaço cristão para celebrações foi a própria casa dos fiéis, denominada *Ecclesia Domestica*². Depois, a partir do século II, com o aumento do número dos cristãos e com o desenvolvimento da liturgia, foram criados espaços específicos, conhecidos como *Domus Ecclesiae* ou a Casa da Igreja. Pesquisas arqueológicas no século XX acrescentaram muitas informações sobre estas igrejas dos primeiros cristãos. A casa da Igreja foi um espaço organizado de acordo com a liturgia aí celebrada. Um espaço para os catecúmenos, outro para a acolhida (o atrium), outro ainda para o batistério, outro para o ágape ou Eucaristia. Esse espaço, por si só, era formativo e educativo e permitia fluir com naturalidade a celebração litúrgica.



Domus Ecclesia - Dura Europos – Síria – 231 d.C.

Fig. 10

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/e2/Church_dura.jpg/230px-Church_dura.jpg

Os primeiros cristãos não se preocuparam com o lugar em si, mas, com a edificação da comunidade. Eles se sentiam chamados a edificar sobre o único e verdadeiro templo, sobre o único fundamento, Jesus Cristo, a pedra angular desta edificação:

Achegue-vos a Ele, pedra viva que os homens rejeitaram, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus; e quais outras pedras vivas, vós também vos tornais os materiais deste edifício espiritual, um sacerdócio santo, para oferecer vítimas espirituais. (1Pe 2, 4-5).

As primeiras comunidades cristãs acreditavam que Cristo, pela sua morte e ressurreição, tornou-se o verdadeiro e perfeito templo da Nova Aliança e reuniu o povo adquirido. Esse povo santo, reunido pela unidade do Pai, do

²Igreja Doméstica

Filho e do Espírito Santo, é a igreja ou templo de Deus, construído de pedras vivas, onde o Pai é adorado em espírito e verdade. O próprio Jesus no diálogo com a samaritana no capítulo 4 do evangelho de João diz que o culto novo inaugurado por ele, a rigor pode prescindir de um lugar.

Intui-se a partir destas observações qual a concepção que os primeiros cristãos tinham do corpo. Jesus Cristo é o Deus encarnado, que morreu e ressuscitou redimindo o ser humano na sua totalidade. É através da corporeidade que se dá a comunhão entre as pessoas, isso acontece principalmente para os que fazem parte deste templo que são chamados a viver a máxima de Jesus: “Amai-vos uns aos outros como eu vos ame!” (Jo 13, 14). Essa liturgia da vida é avocada pelo fiel a cada liturgia ritual.

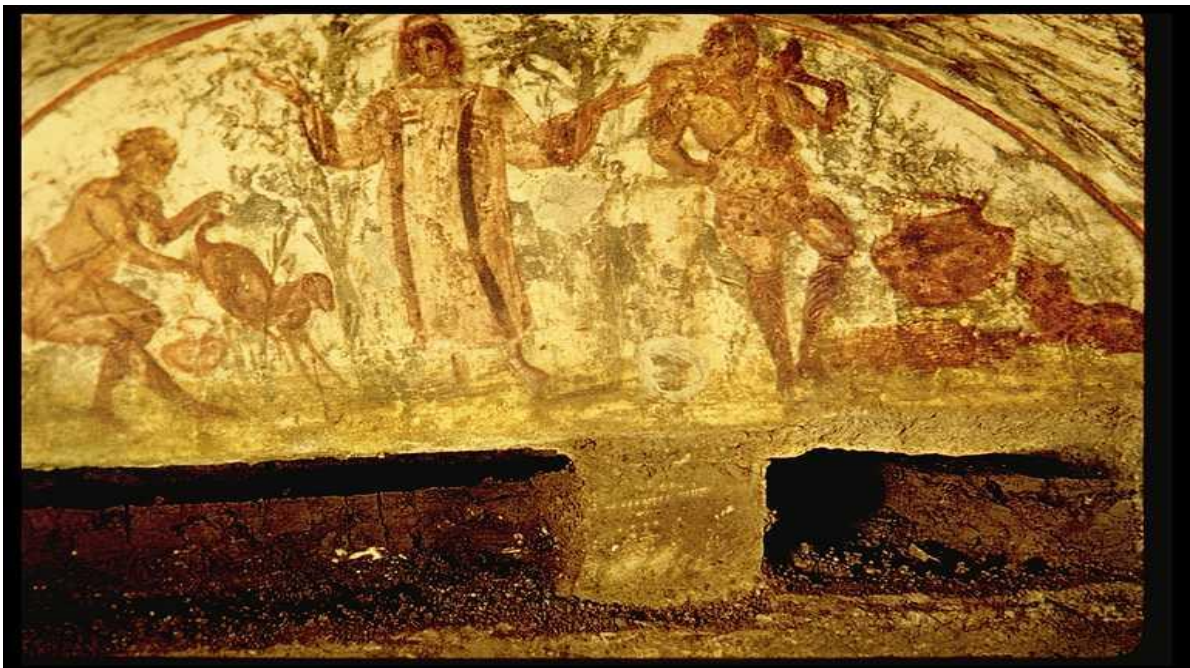


Fig.11

Orante - pintura em catacumba - III d.C.

<http://historiasevariaveis.blogspot.com.br/2011/08/arte-paleo-crista-seculos-iii-iv.html>



Fig. 12

Tertuliano descreveu esta figura como “rezando sem elevar as mãos excessivamente, com modéstia e moderação”. Afresco do século IV a. C. que simboliza a alma que já vive em paz. A imagem da orante consistia numa figura feminina, só em raras ocasiões masculinas, de braços abertos, erguidos, em atitude de súplica. Era uma alegoria ou imagem simbólica, das Pietas, conceito derivado da filosofia estoica, especialmente de Epiteto.
(<http://lerever.wordpress.com/2010/02/23/a-orante/>)

A mística dos primeiros cristãos inicia-se através do banho batismal, onde eles são incorporados a Cristo. O batismo marca a agregação do fiel ao corpo de Cristo, formando com ele um só corpo (I Cor 12, 13). A consagração do homem por meio do batismo estende-se também à matéria de que ele é formado, do mesmo modo que o corpo de Cristo é o contato entre Deus e o mundo. A salvação atinge o ser humano a partir de sua corporeidade. Tertuliano afirma que:

O corpo é a base e o eixo da salvação. Quando a alma se une a Deus, é o corpo que torna possível a união. O corpo é lavado para que a alma seja purificada; o corpo é ungido para que a alma seja consagrada; o corpo é marcado [com o sinal da cruz] para que a alma seja iluminada pelo Espírito Santo; o corpo é nutrido com o corpo e o sangue de Cristo para que a alma se nutra de Deus (DL, p. 333).

A liturgia possui uma dupla dimensão que vai do visível ao invisível, da matéria ao espírito por causa da estrutura psicocorpórea do homem. A matéria dá poder expressivo à liturgia.

A partir do ano 313 a liturgia cristã passa por profundas mudanças em sua forma e compreensão. O decreto do imperador Constantino concedendo liberdade total para a Igreja resulta no crescimento de cristãos, ser

cristão significava uma honra a mais, equivalia a ser cidadão do império. O imperador que era visto como um deus, também ele se tornou cristão. A liturgia passa por grandes mudanças em sua forma e compreensão, elapassa a acontecer em ambientes amplos, nas basílicas e, pela influência da cultura romana, as celebrações se transformam em algo progressivamente solene e régio. Tudo isso reflete na concepção que o ser humano tem de comunidade que aos poucos deixa de existir para se tornar numa grande assembleia, também na sua relação com o cosmo, com o sagrado, com o corpo. Nos ritos litúrgicos os corpos que passam a ter algum reconhecimento, são dos ministros ordenados e das autoridades, principalmente pelas indumentárias que usam, que com o passar do tempo mais que dar dignidade aos ritos passam a simbolizar o poder. Embora a bíblia continue a ser a principal fonte de inspiração na composição dos textos litúrgicos e nas explicações dos mistérios cristãos, neste período a liturgia cristã recebe elementos próprios da cultura romana. Assim, as celebrações litúrgicas se revestem dos esplendores característicos da corte imperial.

Os ministros ordenados, no serviço do altar, são revestidos de uma dignidade, de honras e indumentárias próprias dos mais altos dignitários do império romano. No fundo, é o mistério pascal de Cristo que, visto como esplendor passa a ser expresso exteriormente na forma esplêndida dos cerimoniais da corte imperial. O imperador agora é Cristo, representado por seus ministros revestidos de honras e dignidade à altura (BUYST, 2003, p. 33).

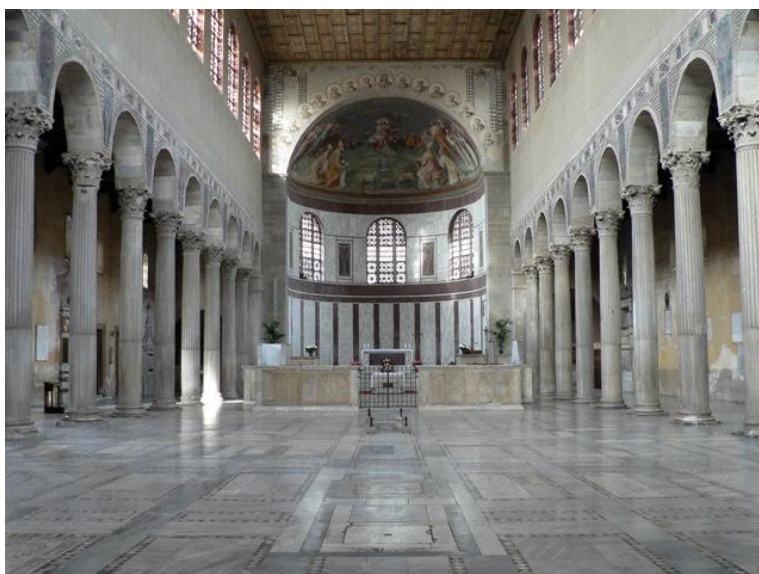


Fig. 13

http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Santa_Sabina_inside.JPG



Fig. 14

www.google.com.br/search?q=imagens+da+liturgia+romana+antiga&tbn

É possível destacar alguns elementos característicos da liturgia romana clássica:

- I. Formação dos livros litúrgicos
- II. Pela amplidão dos espaços e a adoção de solenidades, foram introduzidas três procissões:
 - a. A solene procissão de entrada do presidente com seus ministros.
 - b. A procissão levando ao altar os dons do pão e do vinho.
 - c. A procissão em direção ao altar para receber a comunhão sob duas espécies.
- III. Passa a ser ritualizada a proclamação do evangelho, reservada ao diácono e precedida de uma procissão acompanhada de luzes, incenso e a aclamação do aleluia.
- IV. A oração eucarística é única, imutável para todos os dias do ano, mas com uma grande variedade e riqueza de prefácio.
- V. As orações: nobre simplicidade, sobriedade, concisão, praticidade; com poucas palavras e em forma literária elegante, elas se atêm ao essencial.
- VI. O culto eucarístico é sóbrio, não existem sinais de veneração no momento da consagração, nem depois.
- VII. O domingo se converte oficialmente em dia de repouso, possibilitando celebrações eucarísticas mais longas e mais solenes.

- VIII. A participação do povo na liturgia continua sendo espontânea e viva, com grande equilíbrio entre o pessoal e o comunitário.
- IX. Desenvolve-se o canto litúrgico, sobretudo a partir do século VI, dando à liturgia um tom ainda maior de solenidade e de elevação artística, que atrai e comove o povo (BUYST, 2003).

O período que compreende o século IV até o século VIII, é o tempo em que a Igreja romana desenvolveu a sua liturgia. Posteriormente, ao longo do século VIII e início do século IX, esta liturgia romana clássica entra em contato com os povos germânicos, passando por numerosas modificações, deixando de ser liturgia romana pura. O imperador Carlos Magno, por volta do ano 783, pediu ao papa Adriano I uma cópia de um sacramentário autenticamente romano, foi-lhe enviada uma cópia do Gregoriano. Neste sacramentário tipicamente romano foram incorporados vários elementos próprios da liturgia galicana, adaptando-o às preferências dos povos nórdicos pelo drama, pela abundância das palavras e pelo moralismo. O resultado foi uma liturgia híbrida, romano-franco-germânica, destaca-se:

- I. As orações simples, breves e sóbrias da liturgia romana, agora se mesclam com formulários longos, em linguagem comovente, cheia de sentimento e dramaticidade.
- II. A dramaticidade das orações e ações litúrgicas liga-se à mentalidade religiosa dos povos franco-germânicos, caracterizada por um acentuado pavor diante da divindade, uma forte consciência de pecado, um inquietante sentimento de culpa, angústia diante da morte e do juízo imanente e, conseqüentemente, um grande individualismo religioso, apoiado, sobretudo nas devoções, sentimentos e atitudes que impregnaram a liturgia.
- III. A missa deixa de ser um ato comunitário para converter-se numa devoção privada do sacerdote ou de cada um dos fiéis que a assistem.

Assim, a liturgia romana passou por muitas transformações no encontro com a cultura franco-germânica. Esta liturgia transformada foi adotada posteriormente por Roma como sendo liturgia romana obrigatória para todas as

igrejas do Ocidente. Esta passagem é muito significativa, pois determinou os rumos da liturgia ocidental em praticamente todo o segundo milênio.

Diante disso, para aprofundar um pouco mais o modo como o corpo foi concebido na história, será pontuado a seguir o juízo dos teólogos. Apropriar-se daquilo que a teologia tem refletido sobre o corpo é importante para entender melhor os ritos.

1.4 Cenário da Concepção do Corpo na Teologia

A liturgia envolve a racionalidade da fé, razão e emoção se entrelaçam e se completam. A religião é uma linguagem, um sistema simbólico de comunicação e pensamento (BORDIEU, 1998). A eficácia da religião depende de sua força simbólica de inculcar-se nas mentes e corações e moldar o comportamento das pessoas.

Os elementos que caracterizam a religião são as crenças e práticas (DURKHEIM, 1989). Não há religião que não seja, ao mesmo tempo, a cosmologia e a especulação sobre o divino. A religião é coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem as realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou refazer certos estados mentais desses grupos.

No decorrer da história da Igreja as reflexões teológicas sobre o corpo foram construídas procurando responder às antropologias que estavam em embate com a fé cristã. Algumas dessas ponderações são apresentadas a seguir.

Os séculos de II a V tratam do período conhecido como a era dos Pais da Igreja. O que caracteriza esta fase da história é uma cultura helenizada, com uma antropologia dualista. O que se discute é a ideia de uma alma preexistente, e de um corpo criado corrupto e destinado ao nada. Sob essa perspectiva nos Pais da Igreja aparecem críticas às atitudes e condutas dos filósofos gregos (REYES, 2005), houve entre eles quem resistisse ao dualismo e insistisse numa visão integrada do ser humano:

- I. Justino Mártir (100-165) – O corpo é criação e imagem de Deus. O ser humano é composto de corpo e alma.

- II. Irineu (130-202) – O ser humano perfeito consiste na mistura e união da alma com a carne. Ele rejeita a expectativa de um futuro feliz fora do corpo, num céu imaterial.
- III. Tertuliano (160-202) – Corpo e alma são inseparáveis e simultâneos na sua origem. Há uma relação tão intensa entre ambos que o crescimento da alma, coincide com o crescimento e maturidade do corpo humano.
- IV. Gregório de Nissa (394) – Faz uma diferença entre a alma e a mente. Esta é responsável pelo movimento do corpo e da alma.

Por meio desta breve visão do corpo nos Pais da Igreja podemos intuir que alguns se recusaram em identificar o corpo como fonte de pecado, origem da corrupção e do mal na sociedade. Neste período percebe-se uma teologia que procurou se distanciar de uma antropologia de cunho dualista. Indicações pastorais da época entraram em contradição com as afirmações teológicas sobre o corpo, que permaneceu numa tensão entre a formulação teológica e a moral cristã (REYES, 2005).

Um primeiro exemplo da influência dualista sobre a teologia cristã encontra-se no pensamento de Tertuliano que chegou a defender a unidade do homem como corpo e alma. Porém, por volta de 207 d.C., uniu-se ao grupo dos montanistas³, que se propunham a viver num profundo ascetismo em vista da parusia⁴. Foi grande a contribuição de Tertuliano para o fortalecimento desta nova mentalidade, ele e outros cristãos do segundo e terceiro séculos entendiam que o verdadeiro servo de Cristo deveria se apartar do mundo. Como consequência o cristianismo passa por uma mudança profunda, da liberdade no Espírito para um cristianismo radicalmente moralista e legalista (ROSA, 2010, p. 20).

³Montano, convertido ao cristianismo por volta de 155 d.C., proclamava o início de uma nova era, a era do Espírito. Insistia numa comunidade de pessoas puras. Em suas pregações havia uma forte ênfase numa vida moral mais rigorosa. Assim, ele e seus seguidores, praticavam longos jejuns, alimentava-se de maneira frugal, desencorajavam o casamento. Alguns de seus seguidores chegavam a abandonar os seus cônjuges. Rompiam laços com a sociedade, alienavam-se do mundo (ROSA, 2010, p. 20).

⁴Segunda vinda de Cristo, Segundo Advento ou Parúsia (...) é termo usualmente empregado com a significação religiosa de "volta gloriosa de Jesus Cristo, no fim dos tempos, para presidir o Juízo Final", conforme crêem as várias religiões cristãs e muçulmanas, inclusive sincréticas e esotéricas(http://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_vinda_de_Cristo)

Clemente de Alexandria é outro pensador que em seus escritos percebem-se tendências ascéticas ou com influências platônicas. Porém, o que se percebe é o esforço dele em criar uma ponte entre a filosofia e a teologia; ele não associa a identidade cristã com a recusa das coisas do mundo, ele se esforçou em conciliar os conteúdos da fé cristã com a filosofia que predominava na época.

Com o crescimento desta mentalidade ascética e moralista, onde vários cristãos passam a compreender que para ser um verdadeiro discípulo de Cristo têm que se afastar do mundo, surge o movimento monástico cristão. Clemente de Alexandria e outros seus contemporâneos defenderam que a vida celibatária era superior à condição matrimonial. A virgindade ganhou grande importância a partir do segundo século.

Percebemos que teologia e filosofia vão sendo construídas dentro de um processo dialético. Trata-se do fenômeno de aculturação, onde levamos em consideração que as culturas são unidades integradas e harmoniosas e que, quando elementos culturais são absorvidos por outras culturas, não acontece como um simples transplante (MELLO, 1987), o fenômeno de absorção de tais elementos é assimilado e reformulado.

Com Agostinho de Hipona a teologia inspirada na filosofia de Platão se sistematiza, o dualismo matéria-espírito instala-se definitivamente no pensamento teológico cristão. Para ele o corpo é apenas um instrumento para realizar tarefas materiais de maneira passiva, este é mortal e regido por outra substância, a alma, sendo esta imortal. A alma é colocada numa união acidental e não funcional com o corpo. Essa união faz com que a concupiscência do corpo possa levar a alma para o mal. Assim, o mal passa a ser compreendido como afastamento de Deus em direção ao corpo.

Coube a Tomás de Aquino o mérito de recuperar a visão unitária do homem ao utilizar a doutrina hilemórfica⁵ aristotélica corrigida (RÚBIO, 2001). Esta teoria na versão que prevalecia no Ocidente reforçava o dualismo, pois, se tanto a alma quanto o corpo têm forma e matéria, o homem fica assim constituído de duas formas substanciais, uma para a alma e outra para o corpo.

⁵ Hilemorfismo, em Filosofia, é a teoria elaborada por Aristóteles e desenvolvida na filosofia escolástica, segundo a qual todos os seres corpóreos são compostos por matéria e forma.. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hilemorfismo>).

O que Tomás de Aquino procurou mostrar é que uma substância não pode ser forma. “Corpo e alma são, antes, dois princípios metafísicos dentro de uma unidade primordial do homem, de maneira que toda a atividade do homem é “*operatio totius hominis*”(FIORENZA *apud* RUBIO, p. 336).

Tomás de Aquino ao procurar superar o dualismo agostiniano pendeu para certa espiritualização uma vez que ele utiliza o termo *anima*, enquanto a bíblia utiliza *basar* ou *soma*(ROSA, 2002).O de Aquino na alma, como realidade espiritual e subsistente, direciona a totalidade do ser humano para a contemplação de Deus (REYES, 2005).

A unidade do ser humano vinha sendo anunciada nas declarações eclesiais precedentes:

- 1) Concílio de Toledo (Ano 400) – Rejeitou a doutrina prisciliana⁶ da alma como parte de Deus.
- 2) Sínodo de Constantinopla (543) – Censura os origenistas com sua ideia da alma como espírito preexistente.
- 3) Concílio de Braga (561) – Confirma a sanção contra a doutrina prisciliana e a condenação do maniqueísmo que vê o demônio criador do corpo e da matéria e nega a ressurreição da carne.
- 4) VIII Concílio de Constantinopla (869-871) – Rejeitou a ideia de duas almas em favor da existência de uma alma racional.

Sabe-se que o dualismo, apesar de Tomás de Aquino, continuará predominando na teologia e na filosofia. Na teologia católica a influência do dualismo agostiniano esteve bastante presente até meados do século XX. Mas, à medida que se buscava corrigi-lo e superá-lo foi-se ressaltando a dualidade real entre corpo e espírito no ser humano (RUBIO, 2001). O homem pertence ao mundo material, mas não se reduz à matéria. Ele pertence também ao mundo espiritual, mas não se reduz à sua espiritualidade. Não há ruptura ou oposição entre corpo e alma.

Na América Latina há um esforço de superação prática desse dualismo. A orientação é para a libertação integral do ser humano (CEBs,

⁶ As principais teses do priscilianismo são as seguintes: de Deus emanou uma série de seres divinos, entre os quais se incluem os anjos e almas dos homens. O corpo de Cristo era espiritual e tinha apenas a aparência da carne (docetismo); a matéria foi criada pelo demônio para aprisionar os filhos de Deus.([http://www.infopedia.pt/\\$priscilianismo](http://www.infopedia.pt/$priscilianismo)).

Medellín, Puebla. CNBB, etc.). A reflexão teológica desenvolvida pela teologia da libertação tem avançado neste sentido. Pastorais e associações católicas têm procurado se apropriarem deste tema através de estudos de aprofundamento, compartilhamentos, oficinas, etc. Porém, pode-se verificar que alguns desses grupos correm o risco de caírem no reducionismo, onde se procura dar atenção a um aspecto e se descuidar do outro:

Quando a práxis sociopolítica e a reflexão teológica são vividas e pensadas numa perspectiva dualista de tensão bipolar comandada pela relação de negação-exclusão, a acentuação converte-se em mutilação do humano, uma vez que está ausente a abertura ao questionamento e à complementação que vem de outro pólo. O resultado são os católicos que se apegam à missão espiritual da Igreja e descuidam ou condenam o compromisso social com os pobres. Ou, no outro extremo, os católicos que só valorizam a dimensão política da fé cristã (RUBIO, 2001, p. 359).

Dentre as diversas experiências vividas por esses grupos foi escolhida uma, fruto do esforço por uma renovação litúrgica no Brasil: a Rede Celebra.

2 A REDE CELEBRA

A Rede Celebra aparece na conjuntura da Igreja como um organismo voltado para a formação litúrgica. Não se trata de uma instituição como tantas outras. Ela traduz um esforço de liturgistas em colocar em prática a renovação do Concílio Vaticano II que só foi assumida pelas comunidades apenas em algumas formas exteriores como a língua vernácula, os novos livros litúrgicos, mais participação dos fiéis nas respostas e nos cantos. A meta principal é a participação dos fiéis na preparação e celebração da liturgia, com a finalidade de fazer da ação litúrgica expressão de uma fé engajada, inculturada na vida das comunidades. Sua pedagogia é ativa envolvendo a participação de todos e a metodologia parte da realidade litúrgica articulando liturgia e pastoral. Ela faz uso da observação participante e da técnica de laboratório para a formação litúrgica.

2.1 A Origem da Rede Celebra

Pode-se considerar que a origem da Rede Celebra está vinculada a em uma série de fatores que foram ocorrendo com o advento da modernidade, de onde emergem o antropocentrismo, o iluminismo, o secularismo, a laicidade e a globalização. As culturas estão sempre em movimento, elas são influenciadas pela estrutura social, embora, elas possam ser avaliadas sobre os aspectos de estabilidade e de mudança, sendo as suas fronteiras difíceis de estabelecer. É possível verificar o caráter institucional, unificado, repetitivo e relativamente preciso da cultura. Porém, verifica-se que ela é instigada à mudança, principalmente, à medida que avança o processo de globalização (MELLO, 1987).

Dois aspectos da cultura, estabilidade e mudança, têm maior relevância, porque a Rede Celebra surgiu como um grupo de pesquisa onde se busca apropriar daquilo que é próprio do cristianismo originário, voltando a documentos que considera serem as fontes do nascimento da Igreja apostólica e dos primeiros cristãos. Trata-se de uma pesquisa crítica onde os documentos

são avaliados a partir do contexto social em que surgiram. Nesses estudos além das disciplinas eclesiais, também são considerados as contribuições das Ciências Sociais e Humanas. Um dos objetivos é resgatar aquilo que pode ser considerado essencial à identidade dos cristãos e como isso pode ser vivido nas diversas sociedades através do processo de aculturação.

Tais pesquisas têm por finalidade a formação daqueles que trabalham com a liturgia, uma vez que, cada rito litúrgico traz consigo, além das expressões de fé, elementos antropológicos. A Rede Celebra acredita que voltando ao cristianismo originário poderá desenvolver melhor o seu trabalho. Por isso, é importante buscar a contribuição de exegetas, de pessoas ligadas à cultura e ciências humanas. Essa interdisciplinaridade contribui para um melhor entendimento dos textos bíblicos, dos símbolos, dos acontecimentos, da cultura, dos mitos e do ser humano, possibilitando um melhor desdobramento dos ritos.

Destacam-se três fenômenos que contribuíram para o surgimento da Rede: o Movimento Litúrgico, o Concílio Vaticano II e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Trata-se de acontecimentos que revolucionaram a Igreja Católica e que se constituíram como protagonistas para grandes mudanças em sua liturgia.

2.2 O Movimento Litúrgico

O Movimento Litúrgico é um movimento histórico-cultural típico do nosso tempo. Ele representou a busca de uma renovação da vida espiritual deixando-se levar pela força da ação litúrgica. Também representou o esforço de uma compreensão mais profunda do espírito da liturgia e das leis que a regem.

No decorrer da história surgiram movimentos que levaram a Igreja Católica a rever a sua liturgia. O Movimento Litúrgico surgiu no início do século passado. Os católicos, mais precisamente os leigos, começaram a se conscientizarem do seu papel enquanto membros da instituição Igreja. Eles passaram a reconhecer que as ideias que tinham de igreja estavam vinculadas em instâncias culturais condicionadas por expressões de uma época historicamente passada. Os primeiros passos foram dados na Bélgica no

*Congrès National des Oeuvres Catholiques*⁷ em Malines, no dia 23 de setembro de 1909, este deu origem às *Semaines et Conférences liturgiques*⁸, promovidas pelos monges de Mont-César. Também apareceram nesta época grandes revistas de liturgia (NEUNHEUSER, 1992)⁹.

Na Alemanha o Movimento Litúrgico é assumido em grande proporção, onde acontecem encontros de liturgistas muito significativos, alcançando um número cada vez maior de adeptos. A colaboração entre ciência e entendimento pastorais foi determinante para a atividade litúrgica. Com a finalidade de organizar uma tríplice obra, na Abadia de Maria Laach se uniram o abade I. Herwegenn e os seus monges K. Mohlberg, O. Casel e o jovem sacerdote ítalo-alemão Romano Guardini e os professores Fr. J. Dalger e A. Baumstark, e, em 1918, iniciando as três coleções: *Ecclesia orans*¹⁰, *Liturgie geschichtliche Quellen*¹¹, *Liturgie geschichtliche Forschungen*¹². Em 1921 aparece o primeiro volume do *Jahrbuch für Liturgie wissenschaft*¹³ (NEUNHEUSER, 1992).

Merece destaque o trabalho realizado por Romano Guardini na Alemanha. Ele se reunia com os jovens para organizar as celebrações litúrgicas. A reflexão adiante sobre os laboratórios de liturgia e participação ativa dos fiéis realizados pela Rede Celebra, já existia como uma pequena célula nestas experiências realizadas por Guardini junto à juventude alemã. Ao lado das formas solenes da liturgia clássica, celebrada de maneira rigorosa nas grandes comunidades monásticas, já aparecia novas formas, entre elas as missas comunitárias. Nestas celebrações percebemos que aquilo que foi assumido pelo Concílio Vaticano II já era uma realidade no Movimento Litúrgico, não apenas em discussões teóricas como também no exercício de uma nova praxe celebrativa como, por exemplo, a missa celebrada no vernáculo e uma nova disposição do espaço litúrgico.

Alguns documentos em imagens nos ajudam a compreender o espírito do Movimento Litúrgico:

⁷ Congresso Nacional de Obras Católicas.

⁸ Semanas e Conferências Litúrgica.

⁹ Burkhard Neunheser osb (Alemanha): ex-professor de liturgia no Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo, Roma; ex-diretor do mesmo instituto.

¹⁰ Igreja orante.

¹¹ Fontes da história litúrgica

¹² Pesquisa histórica da liturgia.

¹³ Anuário da Ciência Litúrgica.



Fig. 15: Romano Guardini Com a juventude - 1929
 (<http://www.cammino.info/2012/04/approfondimento-architettura-e-storia-della-nuova-estetica/>)

Na Páscoa de 1920, Romano Guardini visitou, pela primeira vez, o castelo Rothenfels-am-Main, perto de Würzburg, um edifício do século XII, nas margens do rio Mena. Desde o Verão de 1919 foi a sede do movimento juvenil católico Quickborn.



Fig.16: Transformação do Espaço litúrgico - Arquitecto Rudolfo Schwqrz
 (<http://www.cammino.info/2012/04/approfondimento-architettura-e-storia-della-nuova-estetica/>)

A concepção litúrgica de Romano Guardini é inseparável da estética. A renovação espiritual iniciada por ele gerou uma "estética da fé", como uma forma de expressá-la através da beleza dos sinais visíveis. A renovação litúrgica compreendia um redescobrimto dos símbolos visíveis, o que levou à transformação do espaço para as celebrações. Como as

celebrações eram em regime de pequenas comunidades deviam favorecer a participação ativa dos fiéis nos gestos simbólicos e no canto, surgia a necessidade de modificar a distribuição das pessoas na sala. O arquiteto Rudolf Schwqrz (1897-1961) foi um grande colaborador de Guardini.

Na Áustria, Pius Parsch realizou um apostolado declaradamente litúrgico-popular. Exerceu através de suas obras grande influência não apenas nos países de língua alemã, como também em outros países. Dos seus trabalhos podemos destacar: *Das Jahr des Heiles*¹⁴(1926), comentário sobre o missal e o breviário que se enriqueceu e que deu origem a outra obra, *Bibel und liturgie*¹⁵(1926). O próprio Parsch no Congresso Litúrgico de Frankfurt resumia assim o seu trabalho: “Reaproximar as camadas mais simples do povo ao culto da igreja, tornando possível, sobretudo para eles, uma participação ativa na liturgia e recolocar a Bíblia nas mãos dos fiéis” (NEUNHEUSER, 1992).

O movimento litúrgico se expandiu por outros países pela França, Itália, Espanha e nas Américas. No Brasil ele se formou no ambiente da abadia do Rio de Janeiro, graças ao trabalho de um monge da congregação de Beuron, Martinho Michler, ele trabalhou com muito empenho junto à juventude católica. Designado para lecionar um curso de liturgia no Instituto Católico de Estudos Superiores, conseguiu despertar o interesse de alguns estudantes brasileiros. Como resultado desta experiência surgiu um Centro de Liturgia, os trabalhos foram iniciados com um retiro para dezesseis jovens numa fazenda do interior do Estado do Rio de Janeiro. Foi neste retiro, no dia 11 de julho de 1933, que se celebrou a primeira missa dialogada no Brasil. Recorda D. Clemente Isnard:

Na sala principal ele preparou um altar para a celebração da missa. Mas, para grande surpresa nossa, em vez de encostar a mesa à parede, colocou-a no centro da sala e dispôs um semicírculo de cadeiras, dizendo que ia celebrar de frente para nós. Foi a primeira missa celebrada de frente para o povo no Brasil. Dom Martinho fez tudo isso com naturalidade, mas naquele momento ele consumava uma revolução dentro de nós, quebrava um tabu, e nos obrigava a segui-lo noutros passos que nos faria dar.

(www.pliniocorreadeoliveira.info/Cruzado0303.htm).

¹⁴O anoda salvação, ou Ano Litúrgico, 1926.

¹⁵Bíblia eliturgia.

A partir deste evento D. Martinho começou a dialogar a missa semanalmente com os universitários, no Mosteiro de São Bento, assim foi dado o início do movimento litúrgico no Brasil.

Todo esse processo aconteceu em meio a muitas controvérsias. As censuras ao movimento apareciam de todos os lados, principalmente da Alemanha. Romano Guardini intervém com um escrito intitulado *Ein Wort zur liturgischen Frage*¹⁶, sob a forma de carta, ao bispo de Mogúncia¹⁷, redimensionando todos os problemas.

Neste processo dialético que compreende cerca de cinquenta anos, foi realizado um grande trabalho no plano prático de realizações e possibilidades, no da reflexão teológica, no que diz respeito à natureza e ao significado da liturgia. Todos os envolvidos neste movimento permaneciam unidos através dos congressos, semanas de liturgia e diversos encontros e reuniões.

Como resultado principal pode-se destacar que o projeto relativo à reforma litúrgica foi o primeiro a ser discutido pelo Concílio Vaticano II e, após as discussões conciliares, a promulgação de uma constituição litúrgica, a *Sacrosanctum Concilium*, no dia 04 de dezembro de 1963.

2.3 A Liturgia e o Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II foi um evento de grande relevância da Igreja. Ele foi convocado por João XXIII e concluído por Paulo VI em 1965. A finalidade era responder aos grandes desafios colocados para a Igreja pela

¹⁶ Uma palavra sobre a questão litúrgica.

¹⁷ Mogúncia: A diocese de Mogúncia foi erigida na época da dominação romana na cidade de Mainz, que era então chamado *Mogontiacum* e era capital provincial romana, mas assumiu grande importância depois de ter sido elevada a arquidiocese em 740/747. [...] Na hierarquia da Igreja Católica, o Arcebispo de Mogúncia era o Primaz da Alemanha, como substituto do Papa ao norte dos Alpes. Exceto Roma, a Sé de Mogúncia era a única a que se referia como Santa Sé, embora o uso tenha desaparecido. O arcebispado foi significativo principado eclesiástico do Sacro Império. Seu território incluía as terras em volta da Mogúncia, as terras à margem esquerda do Reno, como também terras ao longo do Meno até Frankfurt (incluindo o distrito de Aschaffenburg), a região de Eischsfeld, na Baixa Saxônia e na Turíngia, e o território acerca de Erfurt. Em 29 de novembro de 1801, volta a ter o status de diocese, entretanto, ainda gozam de grande prestígio seus prelados (pt.wikipedia.org/wiki/Arcebispado_de_Mogúncia).

modernidade. Ele deu um novo impulso na renovação interna da Igreja e na sua relação com a sociedade.

No decorrer da história da Igreja ocorreram diversos concílios, neles se buscava respostas para algumas situações desafiadoras próprias de cada tempo. Nestas reuniões conciliares estava sempre em vista a busca da Igreja em responder às necessidades e conflitos da realidade em que estava envolvida. O Papa João XXIII estava consciente da grandeza do evento que estava conduzindo e que mudaria completamente os rumos da história da Igreja. Através deste acontecimento a Igreja se apresentaria com um novo rosto diante do mundo, marcado principalmente pelo diálogo. O Papa João Paulo II classificou o Concílio Vaticano II como um tempo de refletir sobre as grandes mudanças que estavam ocorrendo no mundo contemporâneo, como "um momento de reflexão global da Igreja sobre si mesma e sobre as suas relações com o mundo"¹⁸ (João Paulo II, 1995).

O primeiro documento conciliar foi sobre a liturgia, a constituição litúrgica *Sacrosanctum Concilium*. Pode-se afirmar que o trabalho realizado pelo Movimento Litúrgico recebe aí oficialmente a sua legitimação, valorizando deste modo o trabalho conjunto dos liturgistas da Igreja. A finalidade do documento é "fomentar cada vez mais a vida cristã entre os fiéis; adaptar melhor às necessidades de nossa época as instituições que são suscetíveis de mudança [...]" (SC 1). O objetivo de toda atividade litúrgica seria a de promover "aquela participação plena, consciente e ativa nas celebrações litúrgicas" (SC 14) e, para realizá-lo, é necessário uma reforma onde a tradição seja respeitada, mas com espírito de abertura para um verdadeiro progresso. Para que as mudanças aconteçam fazem-se necessários estudos aprofundados levando-se em conta o caráter comunitário do culto cristão (SC 26; 41s). A Igreja não impõe mais uma rígida uniformidade, porém, todas as decisões deverão ser legitimadas pelo bispo e pela autoridade papal (SC 37; 22; 43ss).

A *Sacrosanctum Concilium* traça algumas diretrizes referentes a aos elementos da liturgia, neste sentido será destacado o que é pertinente para o trabalho realizado pela Rede Celebra:

¹⁸ Discurso do Papa João Paulo II no encerramento do Congresso Internacional sobre a atuação dos ensinamentos conciliares (2000).

- a. Sobre a missa discorre a importância da proclamação da palavra de Deus, inclusive em língua vernácula, a concessão da comunhão no cálice e o restabelecimento da concelebração (SC 47-58).
- b. Sobre os demais sacramentos afirma que os rituais devem ser revisados, uso da língua vernácula na realização do rito.
- c. Nas missões, além do que existe na tradição cristã, é possível admitir elementos que se encontram na cultura de cada povo, se puderem ser adaptados ao rito cristão (SC 65).
- d. O caráter comunitário da liturgia das horas.
- e. A liturgia passa a ser pensada, não a partir do presidente, do clérigo, mas a partir da assembléia dos fiéis. O foco central é a assembléia onde se encontram diversos atores.
- f. A mulher começa a ser reconhecida na assembléia litúrgica. Antes elas estavam proibidas de se acercarem do presbitério, de proclamarem a palavra, de tocarem o cálice ou de distribuírem a comunhão. Trata-se de algo muito limitado ainda, mas que mostra o rompimento de um modelo anterior.
- g. A definição da Igreja como Povo de Deus, isto supõe uma igualdade entre os seus membros e aponta o sacramento do batismo e não o da ordem como sacramento fundante e estruturante das relações eclesiais.

A tarefa da reforma pós-conciliar desenrolou-se dentro do período de 15 anos. Foram reestruturados todos os ritos e composição dos textos correspondentes em língua latina. As conferências episcopais ficaram encarregadas de traduzir os livros litúrgicos em sua própria língua e, adaptar os ritos às situações diversas, submetendo tudo à aprovação definitiva da Sé Apostólica.

A Conferência Nacional dos Bispos no Brasil (CNBB) foi criada em 14 de outubro de 1952. Em março de 1962 foi criada a Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia, sendo oficialmente constituída e aprovada pelos bispos do Brasil durante a V Assembleia Geral, em abril do mesmo ano.

A Reforma Litúrgica derivada do Concílio, após a promulgação da Constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, foi

progressiva e sistematicamente, assumida pela Igreja do Brasil. O uso do vernáculo, a imediata tradução dos livros litúrgicos à medida que iam sendo editada, a preocupação com a participação ativa de todos na liturgia, foram opções feitas pela CNBB que desencadearam ações concretas para a vida litúrgica no Brasil. Os bispos perceberam que a reforma litúrgica só teria eficácia, percorrendo um caminho de sólida e constante formação litúrgica. Para isso, foram criados espaços formativos, no intuito de atingir o maior número possível de agentes. Os Encontros Nacionais de Liturgia (1964-1966) suscitaram a criação de outros espaços formativos. Daí surgiram o Instituto Superior de Pastoral Litúrgica – ISPAL (1964), os Encontros Nacionais de Música (1965-1969) e de Arte Sacra (1967-1968), os Encontros Nacionais de Missa na TV (1972-2004) os encontros Nacionais de Professores de Liturgia (1980-1987), que levaram à criação da Associação dos Liturgistas do Brasil – ASLI (1989); a criação do Centro de Liturgia, hoje denominado Centro de Liturgia Dom Clemente Isnard (1985); o Curso Ecumênico de Formação e Atualização Litúrgico-Musical – CELMU (1991); os Encontros de Formação de Compositores Litúrgicos (2006), dentre outras iniciativas e realizações no campo da formação.

A partir das reflexões nos Encontros Nacionais de Liturgia, foram elaborados e publicados subsídios que se tornaram estudos e documentos da CNBB. Todas as áreas da liturgia (sacramentos, sacramentais, música, piedade popular, arte sacra, etc.) foram contempladas.

A Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia, contando com três bispos e três assessores em seus setores (Pastoral Litúrgica, Música Litúrgica e Espaço Litúrgico), continua a sua missão de investir na formação em nível nacional, regional e diocesano, promovendo e apoiando cursos, seminários e encontros, como por exemplo, o Encontro com os Responsáveis por Folhetos Litúrgicos, que é realizado desde 1970. Os trabalhos da Comissão são realizados em articulação com os bispos referenciais e as comissões diocesanas, investindo em agentes multiplicadores, para uma maior e plena participação ativa de todos na liturgia.

2.4 As Comunidades Eclesiais de Base

O impacto do Concílio Vaticano II na América Latina foi notável. A recepção dos documentos conciliares em muitas dioceses foi intensa, ativa e criativa, há uma irrupção dos pobres na Igreja como sujeitos ativos de sua história. Dois movimentos prepararam essa recepção: o movimento bíblico que coloca a Bíblia nas mãos do povo, e o movimento litúrgico que conduziu toda uma inculturação da liturgia (LENZ, 2006).

Durante a elaboração do esquema da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* muitos padres conciliares pediram com insistência a inversão na ordem dos capítulos, substituindo-se o da hierarquia pelo “Povo de Deus”, dentro do qual se encontraria a hierarquia, colocada a seu serviço (BEOZZO, 2006). A compreensão desta nova eclesiologia torna-se objeto de muitas reflexões que se desdobraram em diversos modos do leigo assumir o seu papel como membro da Igreja. A compreensão desta pertença do leigo à Igreja levou a CNBB a lançar sua primeira Campanha da Fraternidade em 1964, tendo por lema: Lembre-se, você também é Igreja.

Por todas as partes do mundo o laicato foi se organizando, mas é na América Latina que surge uma nova forma de ser Igreja, com um forte protagonismo dos setores populares e das mulheres nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Reconhecemos que elas já vinham sendo gestadas antes do Concílio, principalmente nas áreas rurais onde o padre passava uma ou duas vezes por ano, por ocasião da festa do padroeiro, para celebrar a missa e conferir os sacramentos. Sem a presença dos padres o leigo assume a tarefa de organizar a vida comunitária com a finalidade de manter viva a fé.

As CEBs nascem da leitura bíblica, ouvida, partilhada e celebrada. É a partir das reflexões das leituras bíblicas que os participantes refletem os problemas da vida (BOFF, 1994). À luz da fé celebra-se a própria vida, as conquistas e seus encontros. Os problemas e as soluções são dramatizados. Descobre-se Deus na vida, nos acontecimentos, em suas lutas. A comunidade geralmente é constituída por 15 a 20 famílias que se reúne semanalmente. O que caracteriza essa experiência eclesial é o espírito comunitário e a fraternidade, onde todos participam e assumem serviços. A coordenação é assumida geralmente por mulheres que se responsabilizam pela ordem e pela

presidência das celebrações. À medida que as comunidades amadurecem surgem diversos serviços: assistência aos enfermos, alfabetização de adultos e crianças, há quem faça a conscientização sobre os direitos humanos, as leis trabalhistas, há quem assuma o trabalho de evangelização. Nesse meio o ofício das benzedeiros é muito valorizado. Enfim, todas as funções são bem acolhidas e respeitadas, incentivadas e coordenadas pelo responsável para que tudo cresça em função da comunidade.

Nas CEBs o povo não rege tanto pela lógica da razão analítica, a fé não é apenas conceitual ela é, sobretudo, experimentada, sentida; o que rege a caminhada do povo é mais a lógica do inconsciente, do simbólico. Na comunidade se dá lugar para a criatividade litúrgica, embora se aprecie os ritos canônicos e oficiais, ela também cria ritos com muita espontaneidade usando a bíblia e os objetos que são significativos da região. Busca-se resgatar a sensibilidade através dos símbolos que se manifestam através de sons, cores, formas, movimentos, do cheiro, do paladar, etc. Buscam-se símbolos expressivos para o grupo, fazem uso de coreografias, do teatro com finalidade divertir e ensinar.

Com as CEBs surge um novo modelo de santidade. Passa-se a entender que o santo não é apenas o asceta. O Cristo histórico, engajado na história de um povo, ganha notoriedade e passa a ser a grande inspiração. Ganha força também o testemunho dos mártires, os do passado e os da atualidade. Trata-se de uma santidade que é inspirada nestes grandes mitos, que ganha força nos símbolos e que é acionada nos ritos.

As comunidades encontram marcos de referência em pessoas que sofreram com hombridade por causa de seu compromisso com a comunidade e com o Evangelho, muitas guardam os nomes de seus confesores e mártires, recordam-nos em suas celebrações e celebram suas vitórias (BOFF, 1994, p. 206).

Muitos religiosos e principalmente religiosas se sentiram atraídos para fazer algum tipo de experiência junto às CEBs. Brotava o desejo de viverem em meio à população pobre, nos bairros de periferia das grandes cidades, junto aos grupos indígenas e camponeses na zona rural, partilhando o estilo de vida e quase sempre o desamparo e extrema penúria (BEOZZO, 2005). Surgiram muitas equipes mistas de animação de comunidades integrada por padres, religiosas, leigos e leigas. Podemos concluir que este movimento

mexeu com as bases da Igreja, com a vida religiosa, com o clero, os bispos, com toda pastoral e a teologia. Surgiam novos estudos e pesquisas que abordavam diversos aspectos das experiências que se faziam junto às CEBs. Pesquisadores de diversas áreas se voltavam para esse fenômeno que transformava o rosto da Igreja latina americana e que refletia na sociedade.

É neste contexto que a Rede Celebra vai sendo gestada, ela é fruto de pessoas que estiveram envolvidas neste processo de renovação litúrgica. A Rede Celebra surge como resposta à necessidade de se criar algo em nível popular que partisse das experiências litúrgicas das comunidades. O primeiro a pensar algo neste sentido foi Marcelo Barros¹⁹ em 1988 ao assessorar o reencontro de participantes dos cursos de atualização em liturgia, organizados pelo Centro de Liturgia, em São Paulo. Falou-se sobre a necessidade de organizar algo que contemplasse a formação das lideranças, que poderiam ser os agentes multiplicadores junto às suas comunidades. Seria algo a nível popular, com método comum que partisse das experiências litúrgicas dos diversos grupos.

2.5 Consolidação da Formação da Rede Celebra

A Rede Celebra investe na formação integral da pessoa. O principal desafio é a influência do dualismo filosófico entre matéria e espírito, neste sentido seu trabalho está orientado para reencontrar a percepção holística de da pessoa (BUYST, 2003).

Pode-se compreender a holística pelo assento colocado sobre o Todo. É a procura dum todo unitário, que dá sentido precisamente às suas partes. Uma espiritualidade holística é uma espiritualidade não dual, mas integrativa. Ou seja, uma espiritualidade onde cessem os dualismos que contrapõem espiritual e material, mística e ciência, espiritualidade e política.

¹⁹Barros é teólogo com especialização em Bíblia, foi um dos fundadores do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI). Tem desenvolvido pesquisas sobre a relação do cristianismo com as religiões negras e indígenas e está envolvido na coordenação de uma coleção sobre teologia do pluralismo religioso e um cristianismo aberto a outras culturas e religiões. Temas **com** ecologia e espiritualidade holística têm levado Barros a dar os seus pronunciamentos em eventos internacionais.

A corporeidade é muito importante neste tipo de espiritualidade, é aqui que ela ganha maior expressão. O corpo não é só o corpo físico. É também o corpo social e o corpo cósmico.

Em 1989, no 7º Encontro Intereclesial de CEBs, em Duque de Caxias, a ideia voltou ao se constatar as riquezas das celebrações. A equipe de liturgia amadureceu um pouco mais o projeto através dos trabalhos para o 8º intereclesial, em Santa Maria (RS). Após esse encontro deu-se início estudos, laboratórios, treinamentos e assessorias para qualificar a equipe, o desejo era de manter após os intereclesiais, o intercâmbio e reflexões em torno da liturgia. Tal amadurecimento se deu pela experiência que se foi adquirindo principalmente por meio da partilha das vivências de diversos grupos. Essas partilhas não se limitavam a falar para o grupo todo, mas acima de tudo, realizadas através de oficinas ou vivências, o que na Rede celebra é conhecido como “aprender fazendo”.

Outro instrumento que se tornou muito importante para a Rede foi o Ofício Divino das Comunidades²⁰ (ODC). Desde a antiguidade os cristãos se reúnem para cantar os salmos durante algumas horas do dia. Este costume originou uma tradição litúrgica chamada Liturgia das Horas. Porém, durante vários séculos tal forma de oração foi obrigatória aos clérigos e afastou-se do uso comum dos fiéis. Durante a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, percebeu-se como oportuna a devolução deste costume a todos os membros da Igreja, porém, a versão oficial da oração afasta-se muito da realidade latino-americana. Na década de 90, um grupo de liturgistas elaborou uma versão inculturada para uso das Comunidades Eclesiais de Base. O primeiro texto foi publicado em 1988. “A equipe de revisão da 7ª edição do ODC (...) reforçava a importância de se pensar uma espécie de ‘CEBI da Liturgia’ e que tivesse (...) a função de sustentar nas comunidades a busca de novo caminho na liturgia” (Carta de Princípios n. 4). O objetivo seria ajudar as comunidades a partilhar suas experiências e, como numa espécie de mutirão, buscar um caminho novo

²⁰Ofício Divino das Comunidades é uma modalidade de inculturação da Liturgia das Horas, que adapta a tradição litúrgica romana à realidade cultural e religiosa dos católicos brasileiros e latino-americanos.
(http://pt.wikipedia.org/wiki/Of%C3%ADcio_Divino_das_Comunidades)

para a liturgia. Carlos Mesters, um dos fundadores do CEBI, apoiou a iniciativa e sugeriu um nome, CELEBRA.

A ideia foi retomada em 1995, quando acontecia em São Paulo um curso sobre o ODC. No período de 11 de dezembro de 1995, dezesseis pessoas de várias regiões do Brasil, reuniram-se no Centro de Treinamento da Diocese de Goiás para partilhar experiências, preocupações e anseios. O bispo daquela diocese, Tomás Balduino, falou sobre a importância da animação litúrgica nas comunidades, principalmente aos domingos, dia importante para os cristãos. Depois de formuladas as sugestões aquilo que era apenas um projeto foi consolidado, a Rede de Animação Litúrgica, CELEBRA.

2.6 Características da Rede Celebra

A Rede Celebra é produto de muitas reflexões e experiências de pessoas e grupos comprometidos com uma liturgia inculturada, com abertura para o diálogo onde se busca uma resignificação da vida. Trata-se de uma sociedade que tem os seus princípios, as suas propostas, o seu modo de agir. Assim ela se auto define:

“CELEBRA é uma rede formada por pessoas, grupos, comunidades, aberta ao diálogo ecumênico, comprometida com uma liturgia cristã, fonte de espiritualidade, inculturada na caminhada solidária dos pobres, a serviço da animação litúrgica nas comunidades” (Carta de Princípios 7).

Berger (1985) afirma que o homem é um ser inacabado e que o processo biológico de tornar-se homem se dá em interação com um ambiente exterior ao seu organismo:

De um modo curioso, o homem está “fora de equilíbrio” consigo mesmo. Não pode descansar em si mesmo, e para entrar em harmonia consigo mesmo precisa exprimir-se continuamente em atividade. A experiência humana é um contínuo “pôr-se em equilíbrio” do homem com o seu corpo, do homem com o seu mundo. Outro modo de exprimir isto é dizer que o homem está constantemente no processo de “pôr-se em dia consigo mesmo” (BERGER, 1985, p. 18).

O autor observa que o homem se sente culpado ao transgredir os valores produzidos por ele. O homem forja instituições, que o enfrentam como estruturas controladoras e intimidatórias do mundo externo, deixando-lhe num estado de instabilidade permanente. A sociedade, como parte da cultura, está diante do ser humano como fator externo, subjetivamente opaco e coercitivo.

Ela confere ao indivíduo não só um conjunto de papéis, mas também uma identidade designada, ela funciona como ação formativa da consciência individual, destaca-se que o indivíduo não é modelado passivamente:

[...] ele é formado no curso de uma prolongada conversação (uma dialética, na acepção da palavra) em que ele é participante. Ou seja, o mundo social (com suas instituições, papéis e identidades apropriados) não é passivamente absorvido pelo indivíduo, e sim *apropriado* ativamente por ele. Além disto, uma vez formado o indivíduo como pessoa, com uma identidade objetiva e subjetivamente reconhecível, ele deve continuar a participar da conversação que o sustenta como pessoa na sua biografia em marcha. Isto é, o indivíduo continua a ser um *co-produtor* do mundo social, e assim de si mesmo (BERGER, 1985, p. 31).

Se a experiência humana é um contínuo “por em equilíbrio”, essa “prolongada conversação” tem em vista uma ordem significativa, que Berger chama de nomos. As religiões têm a função de contribuir para a construção e manutenção da nomia, elas foram historicamente os instrumentos mais amplos de legitimação. As formas legitimadoras precisam ser repetidas, isso é principalmente importante nas ocasiões de crise coletiva ou individual, quando há perigo de esquecer. É necessário refrescar a memória do ser humano, o ritual é um instrumento importante e decisivo do processo de rememoração, por meio dele os significados tradicionais encarnados na cultura e suas instituições são garantidos.

Por conseguinte, a Rede Celebra surge como um instrumento de diálogo profético onde se busca o resgate da dignidade do ser humano por meio da fé que se professa e que se manifesta através do rito, o rito como memorial celebrativo que conduz ao rito como memória testamentária. Observamos que aqueles que estão envolvidos no trabalho realizado pela Rede, participam dessa longa conversação. Nada é assumido passivamente, o conhecimento é construído num grande mutirão, cada um se torna coprodutor na edificação da comunidade.

Berger observa que os fenômenos anômicos devem não só ser superados, mas também explicados; trata-se da teodicéia, a legitimação, pela religião, dos casos de situação marginal, tornando-as realidades sagradas, colocando-as no seio de um universo que tem sentido, fornecendo-lhe significados. A teodicéia não tem por objetivo proporcionar a felicidade, ela busca dar um significado, um sentido para a vida.

A Rede Celebra procura ficar atenta à realidade de mundo, ela compreende que afastar o rito de sua referência existencial é tornar a celebração um escape e uma farsa. Ela julga importante fazer com que os ritos tenham as suas raízes na vida das pessoas e comunidades.

A Rede Celebra aparece como um dos instrumentos que tem por finalidade trabalhar a ação ritual vivida no contexto social. Ela reconhece que a liturgia deve estar atrelada às alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias das pessoas. Busca-se a união entre a liturgia e compaixão, solidariedade, ética, compromisso social (BUYST, 2010). Neste sentido, a ciência litúrgica comporta uma análise do contexto no qual se celebra e com o qual a celebração litúrgica interage. O que se procura é manter viva a tradição litúrgica do Concílio Vaticano II, na vertente da libertação social, política, econômica, cultural, étnica, de gênero, desvelando outros aspectos da realidade que necessitam ser incluídos neste processo, como por exemplo, a ecologia.

Observa-se que a Rede procura estabelecer um diálogo entre as pessoas e grupos. Trata-se de um espaço onde se partilha as experiências não apenas eclesiais, mas também as histórias de vida. É aquilo que, no dizer de Berger(1998), o homem é um ser inacabado, ele procura colocar-se em equilíbrio através de um processo ativo de conversação, tornando-se co-produtor do mundo social.

2.7 A metodologia da Rede Celebra

Como Rede Celebra tem por objetivo contribuir para a formação litúrgica com a finalidade de possibilitar a participação do povo, mais especificamente o povo das comunidades pobres, através de uma liturgia apropriada com sua realidade e suas lutas de libertação; os destinatários dos cursos são principalmente as lideranças em todos os níveis interessadas em uma liturgia mais inculturada. Neste sentido, faz-se necessário uma metodologia adequada.

Uma das fontes que tem auxiliado a Rede é o método de Paulo Freire, o sujeito da aprendizagem é o próprio educando, em diálogo com o educador. O saber é construído pela coletividade. Uma das metodologias

usadas pela Rede é a produção do conhecimento em mutirão. Aqueles que participam dos encontros, cursos ou seminários, não são meros ouvintes, são produtores e não consumidores do conhecimento (BUYST, 2010). A imagem do mutirão é usada porque lembra o trabalho feito comunitariamente, uma construção que interessa a todos.

A determinação da Rede Celebra de interligar teoria e prática a leva a optar pelo método Ver, Julgar, Agir (depois ampliado com o Avaliar e Celebrar). Esse método nasceu no seio da Ação Católica dos anos 1950 e 1960, é um instrumento de análise da realidade objetiva e contextual de onde se inserem os grupos de reflexão e aprofundamento da fé, à luz das escrituras e da prática cristãs. Visava despertar o senso crítico dos cristãos e animá-los a uma ação mais concreta e transformadora da sociedade. O trabalho em grupo é uma das maneiras que movimentos sociais encontraram para enfrentar o desafio do individualismo no enfrentamento dos problemas locais, como por exemplo, a da concentração de poder por lideranças autoritárias. Num contexto de grandes mudanças, de diversidade cultural, é importante somar forças, trabalhar na busca da unidade e respeito às diferenças. O método pode ser compreendido do seguinte modo:

1. Ver: destaca a importância do olhar a realidade social e decodificá-la nos seus diferentes aspectos social, econômico, político, simbólico, eclesial, pessoal e pedagógico. Cumpre o papel de garantir que todo o processo formativo parta da realidade local e da análise de conjuntura estimulando interpretação/reflexão crítica e diagnóstica dos problemas sociais e sua relação com a vida comunitária.
2. Julgar: refletir cada fato, os acontecimentos do cotidiano, os problemas que perpassam a vida pessoal e comunitária identificados no “Ver” apoiado em referenciais teóricos e práticos. Para tal, utilizam-se conhecimentos da reflexão teológica bem como de outras ciências, como a Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, a que se tem acesso. Uma das principais fontes de reflexão se dá a partir da valorização do conhecimento popular, dos diferentes conhecimentos existentes na própria comunidade. O momento do “Julgar” dentro de um

processo formativo cumpre com a função de ordenar o pensamento dos participantes e contribui para o rompimento de visões mitológicas naturalizadas (sempre foi assim), fatalizadoras (foi Deus quem quis assim) e fragmentadas das realidades que perpassam a vida em sociedade.

3. Agir: A ação é uma importante etapa do processo formativo. É o momento em que o processo formativo culmina na organização de ações que vão nortear os projetos comunitários.
4. Avaliar e Celebrar: complementando o “Ver – Julgar – Agir”. Avaliar para identificar o que foi bom, o que não ocorreu conforme o planejado e o que poderia ter sido melhor. Celebrar, tanto no sentido místico do termo quanto no sentido festivo, os resultados atingidos. Também são momentos que, além de integrar o grupo, auxiliam no desenvolvimento de sua competência organizativa e de visão lógica.

Para a pesquisa de campo, a Rede faz uso da técnica da observação participante (BUYST, 2010). Os participantes dos cursos de liturgia são orientados a participar da vida litúrgica de alguma comunidade, procurando observar a ação litúrgica a partir de dentro. O objetivo é de aproximar-se da realidade litúrgica para compreendê-la a partir de dois movimentos. O primeiro é de envolvimento, de intensa participação como membro daquela assembleia. Não se trata de fazer de conta, é participar de verdade. Não se observa de fora, olhando os outros, observa-se de dentro, a partir da própria experiência. É necessário registrar tudo o que for possível na mente e no coração. Pode-se recorrer eventualmente a meios auxiliares, como por exemplo, a gravação. Depois é necessário registrar as impressões no diário de campo. O segundo movimento é de distanciamento, de análise, um desligamento, sobretudo afetivo. Aqui se faz necessário uma atitude crítica, analítica. Portanto, a orientação é não se envolver de tal modo no objeto pesquisado e perder a distância necessária para ser objetiva e crítica, nem assumir a atitude totalmente objetiva, de observador pretensamente neutro. É necessário colocar-se na fronteira entre os dois movimentos.

Outro meio usado pela Rede Celebra é o laboratório litúrgico (BUYST, 2010), criado como um meio pedagógico na formação litúrgica de

responsáveis pelas práticas rituais das comunidades cristãs. Trata-se de uma técnica com duplo objetivo:

1. Vivenciar a unidade entre o gestual, o sentido teológico-litúrgico, a atitude espiritual, para encontrar o caminho de uma participação litúrgica que seja não somente ativa, mas exterior e interior ao mesmo tempo, pessoal e comunitária, autêntica.
2. Exercitar a criatividade, buscando a melhor expressão possível, de cada rito ou subdivisão de um rito, dentro da cultura e do momento histórico de um grupo que celebra.

O laboratório litúrgico para a Rede não é ensaio para uma celebração. Não se trata também de busca de dinâmicas a serem usadas em uma liturgia. Ele tem por objetivo sensibilizar as pessoas, ajudando-as a superar o racionalismo, o verbalismo, o ritualismo, etc. Busca-se unir teoria e prática. Propicia-se o trabalho em equipe.

Cada laboratório trabalha um único rito, ou uma pequena sequência de ritos, que se desenvolve de acordo com o seguinte roteiro:

1. Trabalho corporal- Aquecimento, relaxamento, sensibilização e improvisação a partir de gestos cotidianos, ou ritos sociais e religiosos, relacionados com o rito escolhido.
2. Análise do rito- Situa-lo no conjunto da celebração. Espaço, onde é realizado. Sequência dos elementos. Análise dos textos, dos gestos, símbolos, serviços envolvidos, sentido teológico, antropológico, atitude espiritual implícita, etc.
3. Definição de um recorte do rito para coloca-lo em prática como se fosse uma celebração de verdade; execução do recorte; conversa sobre a vivência; avaliação da execução e possível retomada do trabalho do recorte, mudando os papéis.

Para esse trabalho são necessárias de três a quatro horas. Às vezes se trabalha um dia inteiro, com intervalo para o almoço. O grupo não pode ser muito grande, no máximo 25 pessoas, para possibilitar a participação de todos. Para dirigi-lo laboratório é preciso uma ou duas pessoas experientes, conhecedoras de liturgia e treinadas na técnica.

Para o estudo do rito a Rede Celebra faz uso do método mistagógico, parte do rito para a teologia (BUYST, 2010). Ela compreende a

liturgia como uma ação ritual. Julga importante compreendê-la analisando a sua estrutura, os elementos, as palavras, os gestos e os símbolos. A Rede compreende que elaborar teologias sobre a liturgia de modo geral sem partir do rito é um desrespeito à natureza da liturgia. O método mistagógico baseia-se na experiência do mistério adquirida na participação na liturgia. Uma das características deste método é uma vinculação do ensino com os ritos, símbolos e sinais da ação litúrgica. O ponto de partida é a experiência das pessoas envolvidas no rito, relacionando as ações e os sinais simbólicos com os mitos.

A Rede Celebra ao assumir o método mistagógico assume que a compreensão do mistério vai além da capacidade racional, não cabe em conceitos, somente a ação simbólica, com seus mitos e ritos são capazes de expressá-lo e, somente a experiência pela participação na ação litúrgica pode levar a intuir o mistério celebrado.

O objetivo do método mistagógico é explicitar, ajudar a tomar consciência, aprofundar e nomear o mistério que foi como que inscrito no corpo, na mente e na alma do fiel pela ação ritual (BUYST, 210).

Em sentido antropológico, para a Rede Celebra, mistério diz respeito ao sentido da vida e da morte, do mundo, da história, do amor, do sofrimento... Em sentido cristão, trata-se sobre a presença de Deus na história humana, revelada no indivíduo, na vida, e principalmente na pessoa de Jesus Cristo que dá significado à experiência de vida do cristão.

3 A CONCEPÇÃO DE CORPO DA REDE

O corpo humano tem sido objeto de pesquisa pela ciência há séculos. As diversas áreas do conhecimento procuram estudá-lo sob muitos aspectos. Hoje, mais do que nunca, muitas dessas ciências têm procurado fazer, na perspectiva do diálogo interdisciplinar, uma abordagem holística do corpo. Isso significa que, além de continuar sendo objetivamente abordado de diversas formas, do corpo se leva cada vez mais em conta sua dimensão subjetiva: ele é elemento constitutivo do ser humano. Essa mudança de abordagem, apesar de parecer uma necessidade óbvia é, contudo, muito recente e, conseqüentemente, ainda não está completamente assimilada pela maioria dos profissionais das diversas áreas do conhecimento. É importante perceber o interesse sempre maior que a reflexão teológica desperta nas diversas áreas do conhecimento. Por seu lado, a teologia tem sido cada vez mais sensível ao diálogo com as diversas formas de conhecer a realidade, por meio das ciências e das múltiplas expressões culturais da humanidade, diálogo entre as diversas áreas do conhecimento. A Rede Celebra não se furtou em fazer uso desses avanços da ciência e tem procurado progredir em suas reflexões sobre o ser humano e sempre que possível busca a colaboração de profissionais de outras áreas do conhecimento, seja para o trabalho científico ou prático.

3.1 Corpo e Ecologia na Rede Celebra

Para se falar do corpo nos laboratórios de liturgia na Rede Celebra, faz-se necessário compreender qual a concepção de corpo assumida por esse grupo.

Na liturgia a Igreja confessa sua fé mediante a mensagem oral e também através de uma multiplicidade de códigos. As mensagens ocupam-se, principalmente, da esfera dos conteúdos, e, portanto, da dimensão intelectual dos seres humanos. Os códigos, por outro lado, envolvem as diversas formas expressivas e, por isso, toda a sensibilidade humana.

Na liturgia os símbolos e as ações simbólicas estabelecem uma comunicação, uma comunhão entre as pessoas para além da comunicação baseada em ideias ou sentimentos (BUYST, 2003). Através deles não apenas a inteligência racional é acionada, mas também o corpo em sua vinculação com o espaço, o tempo e com outros corpos na ação litúrgica.

A Rede Celebra reconhece que quando se fala de corpo, ainda se pensa em algo material, separado do espiritual, sabe que o ser humano sofre ainda o dualismo filosófico entre matéria e espírito. Por isso, a Rede tem trabalhado para uma maior conscientização do corpo, trata-se de reencontrar a percepção holística²¹ da pessoa.

(...)Pensar o ser humano de forma holística significa percebê-lo como uma unidade biopsicossocial-espiritual, complexa e dinâmica, energia em movimento, em contínua interação com todos os elementos do cosmo e do mundo. (...) Estamos interligados com tudo aquilo que existe; fazemos parte de um todo maior que inclui desde partículas minúsculas da matéria até organismos sociais internacionais (BUYST, 2003, p. 117).

A 23ª Semana Nacional de liturgia no ano de 2009 abordou o tema “Liturgia e Ecologia”. Um dos assessores foi o teólogo Frei Luiz Carlos Susin que procurou situar os participantes na eco-teologia, a fim de aprofundar a relação entre liturgia e ecologia, tanto do ponto de vista teológico-litúrgico, quanto prático-celebrativo. O que se buscou foi repensar os dados da fé para uma reelaboração da teologia litúrgica, incluindo a dimensão cósmica, ecológica. A finalidade não era apenas destacar os elementos cósmicos e culturais que permeiam a liturgia, como água, vento e sopro, fogo e luz, óleo, pão e vinho... O objetivo era repensar os dados da fé e reelaborar a teologia litúrgica, incluindo a dimensão cósmica, ecológica.

A Rede Celebra considera importante aprofundar essa compreensão de natureza e de universo desde as diversas ciências como a física, a biologia, a cosmologia, refazendo a interpretação bíblica de forma interdisciplinar, tomando cuidado especial com os contextos históricos e com a língua em que o texto foi escrito para bem interpretar a sua intenção e sentido. Busca-se auxílio também na história, na compreensão dos gêneros literários, na arqueologia e na antropologia cultural. O que se procura é entender o ser humano em sua inteireza por meio de uma metodologia integradora, mais na

²¹ Holística vem da palavra grega holos, todo.

forma de relação que de distinção. Procura-se compreender a conexão comunicativa entre a natureza ambiental e o ser humano, a relação de dom recíproco entre o espírito humano e o seu ser-no-mundo.

As descobertas científicas têm conduzido muitos exegetas para uma releitura da bíblia. Percebe-se que as ciências têm lançado conhecimentos que suscitam meios adequados para uma nova sensibilidade em relação à criação e a vida. Como exemplo, pode-se citar o programa do Fantástico que apresentou em 2006 uma série intitulada Poeira das Estrelas, na primeira apresentação tratou sobre a teoria do *Big Bang*:

Todos os mitos da criação têm uma coisa em comum, o universo surgiu em algum instante no passado (...). Toda matéria que existe no universo estava comprimida numa região menor que uma cabeça de um alfinete, mas de repente, cerca de 13.700.000.000 de anos atrás a matéria começou a se explodir violentamente (...), o *Big Bang* (...) deu início a tudo o que existe no universo (...), mesmo nós, seres humanos, somos feitos da matéria liberada deste *Big Bang*. É por isso que o astrônomo Carl Sagan disse certa vez que nós somos poeira das estrelas. (YOU TUBE – Poeira das Estrelas – Parte 01 - Fantástico – Globo – 20/08/2006).

Quando se fala em releitura o que se pretende é considerar o ser humano no contexto em que se encontra. É necessário apreciar as experiências vividas. O conhecimento religioso se expressa numa variedade muito rica de linguagens, entre essas se destaca a do mito, que deve ser lido e interpretado a partir de seus conteúdos simbólicos. Cada criatura é especial e contribui de alguma forma para o aperfeiçoamento do ser humano que “ganha vitalidade da água, do chá de ervas, da pedra com sua química e seus remédios, dos raios do sol etc.” (SUSIN, 2003, p. 92). Esse autor reconhece que os mitos da criação na bíblia tratam o ser humano de um modo relacional com a natureza. No relato onde o ser humano é criado no sexto dia, ele afirma que não se trata de hierarquia, homem e mulher chegam num espaço já habitado e, eles são hóspedes e não proprietários. O autor faz uso também das simbologias do sexto dia e do sábado no sentido de entender o papel do ser humano no mundo: “O sexto dia é a passagem da semana para o Sábado, é ‘véspera’, é preparação para o Sábado’. Aqui começa a aventura humana, a missão angélica do ‘anjo da terra’: conduzir a criação ao Sábado” (SUSIN, 2003, p.95).

Terrin (2004) observa que a abordagem ecológica, no estudo das religiões, não se baseia num pretexto cultural ou ambiental, mas numa documentação histórica religiosa que não tem comparação com outros temas. Segundo esse autor a religião e os ritos vivem num entrelaçamento vital e indissolúvel com a natureza:

Os ritos nas várias religiões antigas, como também nas religiões etnológicas e em nosso próprio mundo religioso secularizado, jamais perderam a sua relação mediata ou imediata com a natureza, com o ambiente biológico, com o reino vegetal e animal (TERRIN, 2004, p. 127).

Um tema apontado por esse autor diz respeito à relação microcosmo-macrocosmo ao demonstrar que a natureza e a religião estão estreitamente ligadas e são interdependentes. Esta relação não se trata apenas de uma simples correspondência externa entre fenômenos cósmicos e elementos humanos, e sim diz respeito a uma dependência do ser humano (microcosmo) em relação aos elementos fundamentais da natureza:

Se ao sol corresponde ao olho, se a respiração ao vento, se ao fogo corresponde o alimento, essas correspondências indicam aos poucos uma harmonização do homem com a natureza e manifestam, mais profundamente, o tema do retorno aos próprios elementos naturais (TERRIN, 2004, p. 129).

A história humana é dinâmica. O pensamento reflete o contexto sociocultural, isso implica visões e concepções diferentes da realidade. Esse processo é identificado como mudança de paradigma. De acordo com Susin (2003) a palavra paradigma significa, etimologicamente, o que é posto para fazer ver. Nesse sentido o autor compreende que paradigmas são padrões com os quais se compreende ou se constrói um conhecimento. Nesse sentido, ele reconhece que há uma busca de um paradigma que dê conta da complexidade de todos os aspectos da realidade, de forma a organizar por meio dele os diferentes saberes, um paradigma holístico. Ele destaca que o melhor exemplo de holismo é aquele encontrado na natureza. Pensamento esse partilhado também pela Rede Celebra como será visto adiante quando se tratar sobre os laboratórios litúrgicos.

3.2 O Paradigma Ecológico como Princípio para o Conhecimento Humano

A história ocidental percorreu três grandes paradigmas: o teocêntrico, o antropocêntrico, e o ecocêntrico (BARONTO, 2006).

Porém, antes de falar sobre esses três paradigmas, é necessário lembrar aquele que organizou e deu sentido aos mistérios da natureza e das grandes questões do ser humano, o paradigma mítico. Esse estabeleceu a existência do mundo da natureza e o mundo dos deuses. O mito surge como uma tentativa de explicar a realidade por meio de narrativas, poemas e histórias. Nele há uma presença marcante do sagrado, atribui-se aos deuses a função de dar sentido à existência. O mito possui um caráter emocional e intuitivo. Nesse paradigma, a cosmovisão tem características muito próximas da perspectiva holística.

O paradigma teocêntrico tem como bases a tradição órfica²² e a judeu-cristã. A sua sistematização filosófica aconteceu na Idade Média com forte influência da cultura grega, especialmente do platonismo. Uma das suas características mais explícitas é a dualidade do ser, manifestada no binômio que se contrapõem: corpo-alma; matéria-espírito. Aqui a alma tem primazia e o corpo é a sua prisão.

Quanto ao paradigma antropocêntrico a primazia é colocada na razão e na experiência para alcançar as respostas às perguntas da modernidade. Busca-se descobrir o mecanismo de funcionamento do cosmo para tentar dominá-lo e transformá-lo. Os critérios para a verdade era a lógica e a experiência, decorrendo daí duas correntes filosóficas, o racionalismo e o empirismo.

Enquanto na Idade Média o paradigma era a fé religiosa, na Idade Moderna o progresso era o grande objetivo da razão científica. O que se tem observado do ponto de vista antropológico é que tais paradigmas têm contribuído para uma ética individualista. Hoje o ser humano procura um novo

²²O Orfismo, religião mística grega que propunha a salvação da alma através da purificação e ritos iniciáticos, tendo como pilar o mito de Orfeu, entrelaçado com elementos dionisíacos, pitagóricos e herméticos de diversa procedência, assenta na noção de salvação através da memória e da palavra como objeto de imortalização, sendo decorrente do orfismo toda uma série de mitemas em torno do poder da voz poética para abrir novos caminhos de imaginação e criação (SOARES, 2009).

paradigma que possa abarcar todos os aspectos da realidade, que contribua para re-significar a própria existência. Esse novo paradigma tem recebido essa nomenclatura: “ecocêntrico ou holístico” (BARONTO, 2006, p. 135). A revolução científica desencadeada pelas teorias da relatividade e da física quântica foi o motor que inspirou a holística, surgindo uma nova cosmovisão que compreende o universo como um todo dinâmico e indivisível.

Enquanto sistema de ideias e vivências, a holística foi sistematizada pelo pensamento contemporâneo, porém, o que se pode constatar é que ela foi esboçada ao longo da história. As ideias principais da holística estão presentes nas grandes religiões orientais e em suas tradições espirituais. No livro sagrado dos Vedas o hinduísmo explica que o *Dharma* é aquilo que mantém unidas as pessoas e o universo. Também o budismo atesta que esta realidade está presente na cultura, Dalai Lama resumia a filosofia budista em uma frase: “Faça o bem sempre que possível; se não puder fazer o bem, tente não fazer o mal” (<http://www.universodoconhecimento.com.br>). Ao fazer o bem para os demais seres e o ambiente, o ser humano cuida do seu próprio bem. Se ele causa mal aos outros e ao ambiente, estará causando mal a si mesmo. O budismo adota a noção de que o mundo que nos circunda é inseparável de nós mesmos. Ainda, no taoísmo a oposição e combinação dos dois princípios básicos *yin* e *yang* do universo é uma grande parte da filosofia básica. Algumas das associações comuns com *yang* e *yin*, respectivamente, são: masculino e feminino, luz e sombra, ativo e passivo, movimento e quietude. Os taoístas acreditam que nenhum dos dois é mais importante ou melhor que o outro, nenhum pode existir sem o outro, porque eles são aspectos equiparados do todo (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Taoismo>).

Com relação à ideia de totalidade, Baronto (2006) assinala a contribuição de Jung:

O conceito jungiano de individuação refere-se ao processo de plena realização do potencial inato do ser. Este tem uma base instintiva e implica uma dinâmica de circunvolução em direção ao real centro psíquico, denominado por ele de self ou si mesmo, O self individual é um reflexo particularizado do Self Universal (BARONTO, 2006. p. 142).

O autor observa que Jung detectou nas mandalas pintadas por seus pacientes a presença de uma totalidade, de um arquétipo de ser supremo que engloba em si todas as coisas.

Baronto (2006) destaca ainda que para Jung, a harmonia do ser dá-se entre a razão, a sensação, o sentimento e a intuição. Essas seriam as quatro funções psíquicas do ser humano, ordenadas em duas polaridades: razão-sentimento e sensação intuição. A partir desta conexão o ser humano alcança o equilíbrio, a saúde, o centro unificador da própria existência, o self verdadeiro.

Rúbio (2006) assinala que esta nova visão holística encontra suas raízes na nova física, desenvolvida durante o século XX, que contribui para um entendimento do ser humano, em que são ressaltadas as seguintes características:

1. Em contraste com a perspectiva fragmentada e atomizada do ser humano predominante na ciência moderna, este passa a ser considerado de maneira integrada, sendo superados os dualismos entre mente e corpo bem como entre sujeito e objeto.
2. No polo oposto do individualismo e da arrogância do antropocentrismo moderno, a nova perspectiva vê o ser humano como um sistema complexo de relações e conexões, em íntima conexão com o todo que é a família humana, e esta por sua vez integrada no todo mais abrangente constituído pelo ecossistema vital do qual faz parte.
3. No ser humano são valorizados os aspectos intuitivos, a colaboração, a integração, a cooperação, a atitude receptiva e acolhedora, a perspectiva sintética, a consciência ecológica. (...) procura-se corrigir a distorção que tem significado a acentuação unilateral, no mundo moderno, do pensamento analítico, do conhecimento meramente racional, dos valores e aspectos humanos competitivos, agressivos, (...) exploradores das riquezas naturais. Emerge, assim, uma imagem do ser humano integrado, que articula em equilíbrio dinâmico, o racional e o intuitivo, (...) o yin e o yang (...). Nesta nova visão o que predomina é a complementação e não mais a oposição e a luta.
4. O universo é visto como um todo fortemente unitário, como uma vibração energética e como um organismo vivo onde as diferenças tendem a desaparecer (...).
5. Na fusão com o todo cósmico vivo, nota-se uma acentuada tendência para renunciar ao núcleo autônomo, único e insubstituível da pessoa humana. Mas em concreto, o conceito cristão de pessoa é olhado com desconfiança, como se ele orientasse para a separação e para a divisão ao invés de acentuar a comunhão e a superação das diferenças. O mundo natural tende a predominar sobre a realidade pessoal.
6. A religião desenvolvida neste horizonte tende a considerar Deus de maneira impessoal, como uma energia ou uma vibração universal. Tratar-se-ia de Todo oceânico no qual o ser humano é chamado a mergulhar, superando finalmente todas as diferenças e todas as divisões. O Deus dos cristãos é considerado excessivamente patriarcal, demasiado histórico e pessoal (RÚBIO, 2006, p. 47).

Ao refletir sobre os avanços da ciência Susin (2003) fala sobre a necessidade urgente de uma nova teologia da criação, com uma cosmologia

teológica atualizada. Nesse sentido ele faz o levantamento de algumas tarefas para uma teologia da criação:

1. Compreender a natureza como “criação”, ou seja, como contingência, como finitude, sem ser divina nem demoníaca.
2. Compreender a natureza mediante um conhecimento comunicativo, em forma de participação vital, em que a simpatia e a sabedoria acompanhem a análise, a reflexão e a ciência, para ajudar a renunciar decididamente à relação de sujeito-objeto, dominadora e predatória, e facilitar novas formas de relacionamento.
3. Ajudar a passar de uma fé cristã apenas interior e subjetiva para uma fé engajada não só social, mas também ecologicamente.
4. Levar em conta os resultados de uma nova imagem de natureza e do universo sobre as diversas ciências – a física, a biologia, a cosmologia, a psicanálise.
5. Refazer a interpretação bíblica da criação, de forma interdisciplinar, tomando especial cuidado com os textos históricos e com a língua em que o texto foi escrito para bem interpretar a sua intenção e o seu sentido. Ajudam-nos, além da história, a atual compreensão dos “gêneros literários”, a arqueologia, a antropologia cultural.
6. Compreender a criação em sua inteireza, com metodologia integradora, mais na forma de relação do que de distinção (...). Por exemplo, considerar a unidade entre cérebro e espírito, sem reducionismo de um ao outro, de tal forma que as emoções ou o conhecimento não decorram simplesmente do cérebro como base do que nós chamamos de espírito, nem do espírito humano independente do cérebro, mas do “casamento” e da unidade de ambos, como vem demonstrando Penrose na aplicação da física quântica aos estudos da mente humana.
7. Compreender a natureza como criação ordinariamente boa, mesmo em suas turbulências e morte naturais (...).
8. Compreender a conexão comunicativa entre a natureza ambiental e o corpo humano, a relação de dom recíproco entre o espírito e o humano e seu ser-no-mundo como “naturalização do humano e humanização da natureza” (SUSIN, 2003, p.15).

A Rede Celebra tem trabalhado através dos laboratórios de liturgia para recompor o ser humano na sua unidade global, unidade que deve se fazer presente em todos os campos. Essa recomposição tem seu pressuposto na descoberta da pessoa como organismo vivo na sua globalidade e na consequente acentuação do valor do corpo com vista à expressão humana e à sua interação. A Rede ostenta a ideia de que, sob o impulso das ciências humanas e à luz da questão hermenêutica, deve ser posto em julgamento o modelo cultural capitalista que reduz a pessoa a objeto passível de ser decomposto e explorado em cada uma das partes separadamente. É deste julgamento que resulta o conceito de corpo aprofundado por meio de outro, o de corporeidade, onde se procura superar a discussão da relação corpo-alma, colocando em evidência o caráter do corpo na sua integridade humana.

Para a Rede Celebra o que deve motivar o crente é a fé no Deus criador, que é o mesmo Deus salvador confessado no Símbolo da fé²³. Compreende-se que o mundo da criação bem como o mundo das realidades constitutivas da história estão penetrados pela ação salvífica libertadora de Deus. Assim, a fé deve repercutir direto no campo social, político, econômico, cultural e ecológico. Procura-se ressaltar a participação simbólica do ser humano no cosmo, onde a salvação acontece numa estreita relação com o mundo criado.

3.3 Resgates da Compreensão Unitária do Ser Humano na Bíblia

De acordo com a Rede o que deve ser destacado da Bíblia é a relação de Deus com o homem concreto, situado historicamente. Assim, na Sagrada Escritura, Deus não é focalizado em si mesmo, mas em sua relação com os seres humanos, de modo eminente dialogado. O ser humano é criatura, como os demais seres do mundo, no seu ser e no seu agir, depende do criador, desse modo ele é chamado a aceitar a realidade de que é criatura, aceitando os próprios limites. Trata-se de uma aceitação agradecida de que o mundo criado e a própria vida são dons do criador. Como as outras criaturas o homem também está integrado ao cosmo, ele é pó da terra. Mas, ele recebe de Deus um *rûah*, é criado à imagem e semelhança de Deus, constituído de responsabilidade e consciência, destinado a viver uma existência dialogada (RÚBIO, 2006). Nesse entendimento o ser humano é chamado a ser co-criador e responsável pelo mundo criado. Ele não é um ser de adaptação ao ambiente, como os outros animais, mas criador de cultura.

A partir da reflexão acima percebe-se que a relação de Deus com suas criaturas, das criaturas entre si, do ser humano com os seus semelhantes, se dá por meio das identificações e diferenças. A aceitação da diferença possibilita a valorização do dom do mundo criado e a sua valorização responsável pelo ser humano. A valorização da diferença torna possível o mútuo enriquecimento, evitando-se a anulação do outro pela dominação.

²³ Também chamado de profissão de fé, porque resume a fé professada pelos cristãos. Chama-se Credo, pelo fato de elas normalmente começarem pela palavra: Creio.

A antropologia que definia unilateralmente o ser humano como espírito, desconsiderando o corpo, levou a uma deformação cristã do ser humano. Se o corpo não faz parte da constituição do ser humano, não há necessidade de dar muita importância a ele. A Rede Celebra utilizando a mediação científica percebe como é necessário e urgente o compromisso efetivo pela transformação de estruturas vigentes ou pela criação de novas estruturas capazes de possibilitar e de contribuir para personalização do ser humano na sua inteireza.

A rejeição do dualismo não é fruto de modismo teológico, a Rede Celebra procura resgatar a intencionalidade da Sagrada Escritura que aponta para uma compreensão unitária do ser humano. O que se pode afirmar é que na Sagrada Escritura não se encontra uma elaboração sistemática sobre a visão unitária ou dualista do ser humano. As indicações bíblicas a respeito do homem são expressões provenientes de várias culturas. Porém, os exegetas estão de acordo que a Sagrada Escritura, globalmente considerada, pressupõe uma visão unitária do ser humano (RÚBIO, 2006).

Afirma-se que, numa perspectiva pré-filosófica, os semitas veem o ser humano como uma unidade, como um todo vital, numa pluralidade de funções e aspectos. Embora eles reconheçam no ser humano vários aspectos ou dimensões, compreendem que tudo acontece numa unidade básica. Eles veem a realidade de modo sintético.

No que diz respeito ao ser humano os exegetas reconhecem que muitas leituras dualistas da Sagrada Escritura originam-se de traduções inexatas. Portanto, faz-se necessária prudência na tradução e na interpretação dos termos hebraicos utilizados para distinguir o ser humano e seus aspectos. Rúbio (2006) esclarece que os termos *nefesh*, *rûah*, *basar*, *leb*, apontam tanto para aspectos do ser humano quanto para o ser humano mesmo, considerado como um todo:

- *Nefesh*: primeiramente designa “garganta” necessária para a ingestão de alimentos e para arespiração. Pode também significar o “pescoço” (a parte exterior da garganta). Nestas duas significações, todavia, estaria presente o homem inteiro, precisamente ameaçado e necessitado de auxílio, de tal maneira que o “desejo” insatisfeito ou o anelo do homem do homem podem passara ocupar o primeiro plano na significação de *nefesh*. (...) *Nefesh* pode, contudo, ser traduzido às vezes por “alma”: a *nefesh* seria a sede, não só

do desejo, mas também de outros sentimentos, sempre no âmbito emocional. Daqui entende-se facilmente a passagem para o significado de “vida” (...). Mas vida entendida de maneira bem concreta, ou seja, trata-se sempre do ser vivente determinado. (...) *Nefesh* designa não algo que o homem tem, mas o homem mesmo, a pessoa concreta: o homem é *nefesh*.

- *Basar*: Designa frequentemente a “carne” quer dos animais quer do homem; outras vezes passa a significar o corpo do homem ou ainda o “parentesco” que une os seres humanos entre si. Num nível antropológico mais profundo, designa o homem como carente de força, frágil, no qual não se pode colocar a confiança. (...) Também o termo *basar* indica o homem inteiro, mas sublimando a sua condição de fraqueza e debilidade. *Basar* não pode tampouco ser traduzido simplesmente por corpo.
- *Rûah*: (...) Primeiramente utilizado para designar vento forte a serviço do desígnio de lahweh; quando aplicado ao homem *rûah* significa a “respiração”, a força vital do homem; com bastante frequência é referido a lahweh para significar a sua força vital criadora que, comunicada ao homem, confere-lhe dons e talentos diversos, concedidos para que esse possa superar a impotência e a fraqueza própria do *basar* (...). Com a *ruâh* descrevem-se também os sentimentos, disposições, e estados de ânimo do ser humano e, mais especificamente, a força e a energia da vontade, em conexão com a força que vem de lahweh. (...) A *rûah* tampouco designa uma parte do homem, mas o homem inteiro, na sua capacidade de abertura-escuta em relação em relação a lahweh, sublimando-se a força vital e os dons concedidos a ele.
- *Leb ou lebad*: Traduzido em português por coração. (...) Mas, ultrapassando a significação anatômica e fisiológica, indicam-se com o termo *leb* os sentimentos e as emoções humanas, ao *leb*, de modo semelhante à aplicação feita à *nefesh* e à *rûah*, são atribuídos os desejos do homem, as suas aspirações e anelos secretos. Todavia, o mais próprio do *leb* é precisamente a atribuição de funções racionais, tais como a compreensão da realidade, o saber, a inteligência, a razão aberta à escuta da realidade, a sede da memória, da deliberação e da reflexão, a capacidade de julgar e de se orientar na vida convenientemente. (...) Também *leb* designa o homem inteiro (RÚBIO, 2006, p. 320).

Estes termos hebraicos utilizados no Antigo Testamento para designar o ser humano não devem ser reconhecidos como revelação divina (RÚBIO, 2006). A antropologia semita é o veículo, não exclusivo, porém, há influência de outras culturas. A perspectiva unitária se fundamenta na fé no único Deus criador-salvador, isso leva a superar as visões dualistas que estabelecem uma ruptura dicotômica entre espírito e matéria, entre alma e

corpo. O ser humano concreto com sua diversidade de aspectos e dimensões é criado pelo Deus que é respetivamente salvador.

Uma das principais funções da Rede Celebra é contribuir para a formação litúrgica das comunidades: “é a pessoa toda que celebra, com seu corpo e sua mente, seu coração” (Carta de Princípios nº 15). Para que a liturgia possa ser eficaz faz-se necessário o envolvimento das pessoas em sua inteireza.

3.4 Como a Rede Celebra compreende o Rito

A Rede Celebra entende que educar para uma plena participação na liturgia não é tarefa fácil. Na liturgia se faz presente a percepção eclesiológica da comunidade, também a visão de mundo e de ser humano. Nela estão envolvidas questões teológicas e antropológicas que vão determinar o que significa a liturgia para as pessoas envolvidas. A ação ritual abarca vários domínios e pode ser qualificado no nível teológico, fenomenológico, histórico-religioso, antropológico, linguístico, psicológico e sociológico, etológico e biológico (TERRIN, 2004).

A Rede Celebra professa a eclesiologia do Concílio Vaticano II que reconhece a Igreja como povo sacerdotal, formando com Cristo um só corpo, um só templo espiritual. Nisto, é introduzida uma mudança radical na maneira de se entender o sujeito ou os atores da liturgia. A liturgia é realizada pelo Cristo total, o corpo todo, cabeça e membros²⁴. O papel do presbítero na liturgia passa a ser entendido como um serviço, ele não celebra para o povo, mas junto com o povo, fazendo parte dele (BUYST, 2003).

O objetivo principal do rito litúrgico não é ensinar, mas levar as pessoas envolvidas a fazer uma experiência do sagrado, trata-se de uma ação onde o fiel, através da linguagem simbólica, entra em relação com o sobrenatural. Os ritos alcançam uma enorme repercussão social pelo seu aspecto estético. “O rito é um símbolo em ação”, “é o gesto que transmite outra realidade”, “o rito é performativo, ‘faz’” (CROATTO, 2001, pp. 330-331). O rito e

²⁴O Corpo Místico é a Igreja, formada por todos os batizados, cuja cabeça é Jesus Cristo. Numa comparação com o corpo humano, se diz: Jesus Cristo é a cabeça e os fiéis, a Igreja Viva, eles são o seu corpo, formado por muitos membros (ICoríntios 12, 12-14).

o mito são complementares, sem supremacia de um sobre o outro, “a palavra sozinha, sem mais nada, leva para o intelectualismo, ou a ritualização de coisas secundárias” (CROATTO 2001, p. 334). Os ritos não são fatos puramente mentais, mas eminentemente corporais, se o rito for compreendido como algo mecânico, o ato ritual é pervertido, aproximando-se assim, do ritualismo, perdendo a sacralidade que permeia toda a ação ritual.

O rito pode ser compreendido como manifestação gestual da religião. O rito do ponto de vista antropológico tem função pedagógica muito forte por transmitir e gravar a memória dos antepassados no corpo, recriando a sociedade (BUYST, 2011).

A hipótese é de que o gesto performático [dos rituais] não é simplesmente uma forma repetitiva, que traduz um hábito, mas uma ação que em si mesma registra, cria, institui e transmite conhecimentos [...]. O corpo em performance restaura, expressa, transmite, modifica e simultaneamente produz conhecimento [...]. Nas danças rituais brasileiras [...] a performance ritual é [...] um ato de inscrição [...] o corpo não apenas repete um hábito, mas também institui, interpreta e revisa o ato reencarnado [...]. O conteúdo imbrica-se na forma; a memória grava-se no corpo, que a registra, transmite e modifica dinamicamente [...]. Os ritos restauram terapêuticamente o indivíduo e sua comunidade e tornam-se instrumentos por meios dos quais a cultura fermenta o contexto social com o qual interage (MARTINS *apud* BUYST, 2011, p. 48).

O rito está relacionado com o sentido da vida, trata-se da condensação de um modo de ver a vida, o ser humano, o cosmo, a história.

A Carta de princípios da Rede Celebra expressa a opção por uma liturgia que procura integrar a dimensão ritual e existencial:

Por isso, ao nos ocuparmos com a celebração, nosso olhar se volta, antes de tudo, para a vida das pessoas e a casa da humanidade. Isto nos torna capazes de perceber o mistério pascal de Cristo acontecendo na vida, nos gestos mais simples e cotidianos de amor fraterno, como nas práticas mais abrangentes da solidariedade e do exercício da cidadania. É desse olhar de fé, provocado pelo anúncio e acolhida do evangelho, que brota a celebração autêntica da nossa vida em Cristo, do seu mistério pascal em nós. Somente uma celebração a partir da realidade existencial se tornará uma fonte de renovada energia, capaz de dar novo impulso ao nosso viver para Deus em Cristo na força do Espírito, comprometendo-nos sempre mais com o bem dos irmãos e das irmãs, com a causa da vida. Só assim a liturgia celebrada será verdadeiramente cume e fonte da vida da Igreja (SC. n.10). Desvincular o rito de sua referência existencial é tornar a celebração um escape e uma farsa. Há, portanto, uma necessidade de superar um certo idealismo litúrgico, característico de tantas celebrações, vistosas e pomposas, mas sem raiz na vida real das pessoas e comunidades e, por isso mesmo, ilusórias e alienantes. Precisamos cultivar um sadio realismo, que, antes de qualquer outra preocupação, nos coloque frente à nossa existência concreta em busca de Cristo que, para ser reconhecido na

celebração, precisa ser reconhecido primeiro na realidade da vida (Carta de Princípios nº 10).

Neste sentido, os ritos são forças anônimas e impessoais que geram mecanicamente efeitos físicos, apresentando conseqüentemente um caráter moral (DURKHEIM, 1989). Toda religião além de ser disciplina espiritual é também uma espécie de técnica que permite ao homem enfrentar o mundo com mais confiança. Um deus não é unicamente uma autoridade de que dependemos, é também força sobre a qual se apoia nossa força. Ao cumprir os deveres rituais o ser humano volta para a vida profana com mais coragem e ardor, as forças se refizeram.

Para a Rede Celebra as liturgias devem ser orantes favorecendo a relação pessoal e comunitária com o sagrado, onde se possa expressar a fé, não somente em palavras, mas também através dos movimentos, dos gestos, ações simbólicas, música e dança. A liturgia é lugar da experiência da Palavra e do Espírito, mas lugar que continua sendo muito humano, em que a pessoa na sua inteireza, na sua unidade de corpo, psique e espírito, é sujeito da experiência do Deus que vem a ela.

É através dos laboratórios litúrgicos que a Rede procura conjugar teoria e prática, teologia e pastoral. O que se pretende é alcançar a participação consciente das pessoas nos rituais a fim de que sejam superadas as celebrações mecânicas, onde falta coerência entre palavras, gestos e o corpo como um todo.

3.5 Os Laboratórios de Liturgia da Rede Celebra

O laboratório litúrgico é uma ferramenta pedagógico-litúrgica. Seu objetivo geral é levar a uma experiênciaritual, na realização de um recorte escolhido, paravivê-lo como se fosse a celebração de verdade. A aprendizagem não fica apenas em nível racional, mas pretende ser holística, abrangendo todas as dimensões do ser humano, em unidade, na inteireza do ser. Portanto, não se trata de verificar ou apenas estudar um determinado rito; trata-se de vivenciá-lo.



Fig. 17 – Laboratório litúrgico

(<http://www.casadajuventude.org.br>)

O 'como se fosse uma celebração de verdade' possibilita superar os inconvenientes de um ensaio de determinado rito sem o envolvimento psicológico e espiritual necessário, deixando claro ao mesmo tempo a nítida diferença com o próprio momento litúrgico. Laboratório litúrgico não é ação litúrgica. Pronunciando as palavras e realizando os gestos rituais de acordo com o ritual não se tem a intenção de realizar uma ação litúrgica; trata-se tão somente de um exercício pedagógico. Os recortes são realizados com objetivo puramente pedagógico.



Fig. 18: Vivência de recorte

(Oficinas de Liturgia para Jovens 2012, em <http://www.casadajuventude.org.br>).

A Rede aborda três pontos usados na técnica do laboratório para insistir na forma holística de realizar a ação simbólica ritual. Estes três pontos costumam ser apresentados graficamente como pontas de um triângulo e são chamados de corpo/mente/coração, ou fazer/saber/saborear, ou ainda agir/pensar/sentir. Importa chegar à harmonia entres estes três pontos. No

centro do triângulo, como que unificando os três aspectos, é indicada a atuação do Espírito Santo, levando os envolvidos a realizarem a ação ritual espiritualmente. Portanto, todo o trabalho do laboratório litúrgico consiste em realizar e experienciar as ações rituais na inteireza do ser, com todas as potencialidades biológicas, psíquicas, cognitivas, afetivas, espirituais em unidade.



Fig. 19

(Oficinas de Liturgia para Jovens 2012, em <http://www.casadajuventude.org.br>).



Fig. 20

Experimentamos a consciência de que temos um corpo, experimentamos os sentidos desse corpo, fizemos um caminho de perceber o “eu” em contato com outros corpos que juntos se tornam um corpo só. Na liturgia, precisamos ter essa consciência de que formamos um só corpo celebrativo (Depoimento de Regina Marta Pereira Moraes - Equipe de Coordenação - Oficinas de Liturgia para Jovens 2012, em <http://www.casadajuventude.org.br>).

O laboratório litúrgico foi pensado e realizado com uma equipe interdisciplinar. Para o chamado trabalho corporal se recorre a profissionais de várias áreas, que tratam o corpo de forma holística, como por exemplo, na yoga, nas danças circulares, na eutonia²⁵, na evestética²⁶... Quando não se

²⁵ A Eutonia é uma prática corporal criada e desenvolvida por Gerda Alexander (1908 Wuppertal / Alemanha - 1994 Copenhagem / Dinamarca). A palavra eutonia significa tensão em equilíbrio; tônus harmonioso (do grego eu: bom, harmonioso e do latim tônus: tensão). O

encontram estes profissionais ou quando não há ninguém no grupo com um mínimo de formação e experiência numa destas áreas, faz-se a opção em restringir a alguns exercícios holísticos de respiração. Os exercícios são realizados com muita seriedade pelo grupo. Não se trata de ficar rolando no chão, movimentar várias partes do corpo aleatoriamente, sem objetivo preciso relacionado com o rito que está sendo estudado e sem a orientação de pessoa preparada.

A Rede Celebra busca principalmente amparo junto aos profissionais do teatro. Para esses um trabalho sério compreende em olhar para o palco como um espaço sagrado²⁷, o que acontece no palco deve ter um propósito determinado, a essência da arte não está em suas formas exteriores, mas em seu conteúdo espiritual, “em cena é preciso agir, quer exterior, quer interiormente” (STANISLAVSKY, 1991, p. 65). Em teatro toda ação deve ter uma justificação interior, deve ser lógica, coerente e real.

Para celebrar a liturgia, as comunidades se servem de livros litúrgicos, também chamados de rituais. Esses livros são assimilados pela Rede como roteiros que descrevem a sequência da ação ritual de uma determinada celebração, indicando os textos bíblicos e eucológicos²⁸, os

trabalho consiste no uso da atenção às sensações promovendo a ampliação da percepção e da consciência corporal. Um processo em que o aluno acessa a sabedoria que é própria do corpo usando-a a seu favor. O aluno entra em contato com o tempo do organismo, com os ritmos internos e com o diálogo entre este universo interno (sensações, percepções, emoções, pensamentos) e o externo (o corpo em relação ao espaço, aos objetos, aos outros seres, ao solo, ao ar, aos sons, às forças da Física que atuam sobre o corpo, etc). À medida que conhece o corpo aprende a economizar energia e equilibrar as tensões, reconhecendo suas necessidades de atividade, de descanso e incorporando hábitos saudáveis. (<http://www.eutonia.org.br/textos/oquee.htm>)

²⁶ Isócrates de Oliveira, (Pirenópolis 9.8.1922 – 11.6.1999) foi filósofo, teólogo, escritor, diplomata. Filósofo de pensamento ativo, que gostava de meditar nos grandes temas e humanidade e contestar conceitos. Também se preocupava com o bem-estar, o que fica bem claro em sua obra filosófica "Evestética", onde conclui que emoções são forças endógenas, as únicas que atuam de dentro para fora. E através das expressões corporais e faciais, Isócrates desenvolveu uma fórmula de extravasar as emoções. (<http://cidadedepirenopolis.blogspot.com.br/2013/05/isocrates-de-oliveira.html>).

²⁷ Segundo a Enciclopédia Britânica, a palavra teatro deriva do grego *theamai*¹ (θεάομαι) - olhar com atenção, perceber, contemplar (1990, vol. 28:515). *Theamai* não significa ver no sentido comum, mas sim ter uma experiência intensa, envolvente, meditativa, inquiridora, a fim de descobrir o significado mais profundo; uma cuidadosa e deliberada visão que interpreta seu objeto (Theological Dictionary of the New Testament vol.5:pg.315,706). (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro>).

²⁸ Vem do grego, euche, euke (oração) e logia (estudo, ciência, tratado). Portanto, seria o estudo da oração, mas usa-se também para o conjunto de orações de um livro litúrgico ou de uma celebração. Assim como as leituras representam o que Deus nos quer comunicar, os textos eucológicos são as orações que nós dirigimos a Deus.

diálogos, os momentos de silêncio, os gestos, movimentos e ações simbólicas, a atuação de cada ministério, a indicação dos espaços a serem ocupados. A Rede Celebra compara os livros litúrgicos com os scripts, com os roteiros para cinema, teatro, vídeo, etc. Esses roteiros são minuciosamente estudados pelos profissionais da área para serem executados, para que se faça a partir deles, o filme ou a peça de teatro, ou o programa de rádio ou de televisão. São apontados quatro fases neste trabalho. Primeiro vem uma análise minuciosa do roteiro, para compreender o enredo, o perfil de cada personagem, a sequência das cenas e o desenvolvimento da ação, o clímax, o objetivo da peça. Depois seguem os inúmeros ensaios em preparação para a gravação do filme, CD ou DVD, ou para a representação da peça de teatro, a emissão do programa de rádio ou televisão, cuidando com atenção de cada detalhe. Em terceiro lugar vem a preparação do local e a aquisição e preparação de todo o material necessário para o evento. Finalmente, o momento culminante: a realização do evento, antes da qual ainda se fará um tempo de concentração.

A Rede Celebra procura fazer a mesma coisa com os roteiros das celebrações nos livros litúrgicos, observando a sequência destes quatro passos acima, iniciando com a análise do roteiro.



Fig. 21: Análise de ritual
<http://www.redecelebra.com.br/galeria.php?id=82>

A eucologia é uma das riquezas mais características de um rito ou família litúrgica. Nas liturgias orientais chama-se Eucolégio ao seu livro oracional. Nas ocidentais, chama-se Sacramentário (*liber sacramentorum*), Livro do altar ou simplesmente Missal.

Fala-se de eucologia maior e menor. A menor são as orações breves, no princípio da Missa (a oração colecta), de-pois do ofertório (oração sobre as obla-tas) e, no final da celebração (oração depois da Comunhão), assim como a fórmula conclusiva da Oração Universal na Missa e as «colectas dos Salmos», na Liturgia das Horas.

(http://www.portal.ecclesia.pt/ecclesiaout/liturgia/liturgia_site/dicionario).

A proposta da Rede Celebra é aprender com os profissionais do teatro e dos meios de comunicação social, introduzindo na formação dos ministros, e também na pastoral, a prática da análise ritual como primeiro passo na preparação de uma celebração litúrgica. A Rede considera impossível celebrar aquilo que não se conhece a fundo. Ela avalia que uma análise minuciosa da ação ritual, pesquisando em profundidade o conjunto de ações que constituem a celebração litúrgica, poderá ajudar a descobrir o enredo daquela celebração, a trama que se desenrola ao longo da ação.

3.6 Elementos do Laboratório Litúrgico

O laboratório litúrgico é uma técnica que tem em vista a educação para a ritualidade. Partindo da seleção de um recorte de um determinado rito litúrgico o que se busca é a vivenciá-lo pessoal e comunitariamente. Através desta técnica o que se procura é explorar criativamente o rito a fim de promover a tomada de consciência do sentido teológico-litúrgico, dos sentimentos e das atitudes espirituais envolvidas, em vista de uma participação mais autêntica daqueles que realizam o rito (BARONTO, 2009).

O laboratório litúrgico é uma técnica de ensino que se baseia na ação, aprende-se fazendo. Trata-se de um treinamento para a celebração litúrgica, é um exercício vivido e experimentado como meio de formação litúrgica, tendo em vista a educação para a ritualidade.

Para a execução do laboratório litúrgico é necessária a preparação prévia de uma pessoa ou de uma equipe, que planeje as dinâmicas e o roteiro a ser seguido. Essa equipe busca delimitar o rito a ser submetido à técnica.

Destaca-se também o clima de seriedade e disposição da parte dos participantes. Isso é colocado desde o princípio por ser considerado um dado importante para o êxito do trabalho. Segundo Boróbio (2006) o laboratório litúrgico possui a seguinte estrutura:

1. Ele é iniciado com uma sessão de relaxamento ou aquecimento:
São realizados exercícios de respiração, relaxamento muscular e algum outro exercício específico para trabalhar uma determinada

parte do corpo que será mais utilizada pelo rito, gesto ou ação escolhida.

2. Sensibilização e improvisação: Parte de ritos sociais ou religiosos correspondentes. Os participantes experimentam através de encenação, dos gestos do cotidiano, ou referentes a ritos sociais, ou religiosos que estão de alguma forma, ligados ao rito litúrgico em estudo.
3. Trabalho com as atitudes e os gestos do corpo: Trata-se do núcleo fundamental do laboratório, onde os participantes vão vivenciar o ritual. Todo esforço está em conseguir atingir a unidade pretendida entre expressão externa do rito, seu sentido teológico-litúrgico e a atitude interior correspondente.

Desdobramentos:

- a) Breve diálogo sobre o rito litúrgico escolhido: elementos, estrutura, como costuma ser realizado na prática. Proposta ritual nos livros litúrgicos com seu sentido teológico litúrgico e atitude interior implícita. Estudo de algumas possibilidades de enculturação;
- b) Recorte dos elementos do rito a ser trabalhado.
- c) Distribuição dos serviços, dos papéis que cada um deverá desempenhar na execução do rito.
- d) O grupo procura definir a sequência do rito para que não haja dispersão durante os exercícios.
- e) Realização da sequência. Aqui há possibilidade de viver muitas experiências, podendo experimentar o recorte de várias maneiras. Enquanto alguns estão exercendo os papéis relativos aos ministérios litúrgicos, os demais participam assumindo o papel de assembleia litúrgica. Finalizando a sequência todos poderão intervir sugerindo mudança de estilo, de postura, de linguagem, de expressão, etc. Repete-se a sequência na tentativa de inserir as sugestões e verificar se houve melhora na performance do rito. Pode comentar levantando novas questões, outras observações e realizar mais uma vez a sequência do rito.

4. Conversa sobre os três pontos: O grupo é convidado a conversar sobre como foi realizado o gesto corporal, qual o sentido teológico-litúrgico, e qual a atitude interior que ele suscitou. Os três pontos são trabalhados e discutidos ao longo da segunda e terceira etapas. Aqui o que se pretende é sistematizar as intuições e ideias do grupo com relação ao que foi realizado
5. Recordação do caminho percorrido e avaliação.

Aquele que coordena o laboratório litúrgico é visto pela Rede como um mistagogo, isto é, alguém que leva um grupo de pessoas a conhecer e experimentar numa determinada ação ritual o mistério nela contido. Não se trata de fazer uma exposição do conteúdo como um professor em sala de aula, mas fazer com que o grupo vá descobrindo e aprofundando a ação ritual progressivamente, em forma de diálogo, seguindo a técnica do laboratório litúrgico. Não basta aplicar ou seguir os passos de um roteiro pré-estabelecido de laboratório litúrgico para que o coordenador possa incumbir-se da tarefa de conduzir um grupo a uma experiência, no *'como se fosse'* uma ação ritual, serão necessárias três coisas:

1. Que tenha aprofundado e adentrado a ação ritual que será trabalhada, com seu sentido teológico e espiritual;
2. Que tenha prática (e um mínimo de teoria) do laboratório litúrgico;
3. Que conheça e compreenda o enfoque que se pretende dar no estudo desta determinada ação ritual.

3.7 Características da Ação Litúrgica Segundo a Rede Celebra

A Rede Celebra compreende a ação litúrgica como um rito onde é necessário que se observe algumas regras ligadas à tradição da fé e às antropológicas, próprias de qualquer ação ritual humana. É uma ação de caráter objetivo; não se pode fazer dela o que bem entende. Sua característica é a repetição, suscitando, no entanto, a cada realização, experiências novas, porque realizadas e experimentadas em realidades circunstanciais sempre diferentes, sejam na vida pessoal dos participantes, seja na vida eclesial, seja na vida social. Isto exige de todos muita atenção para perceber esta realidade simbolizada através das palavras e sinais. Trata-se de uma ação comunitária

onde todas as pessoas são participantes, ainda que com funções diversificadas. E cada comunidade vem carregada de sua própria realidade com suas alegrias e tristezas, com seus sonhos e decepções, com suas riquezas e pobreza, com sua cultura.

Outra característica da liturgia cristã, no entendimento da Rede Celebra, é que ela conta com um Ator invisível. Ela considera que a liturgia é uma ação realizada pela comunidade em sinergia²⁹ com Deus. A ação de Deus passa pela ação humana. O leitor proclama o texto bíblico, mas é Cristo que fala. O ministro invoca o Espírito sobre a água e a derrama sobre o batizando, mas é Cristo que batiza. O padre proclama a oração eucarística, mas é o Cristo que dá graças ao Pai e se oferece ao Pai por todos. A assembleia ora e canta, mas é Cristo e o Espírito Santo que ora e canta na ação litúrgica.



Fig. 22: O rito efetivado
<http://www.casadajuventude.org.br>

Este Ator invisível provoca nos féis uma mudança, uma transformação, uma conversão. Por isso, a Rede entende a ação litúrgica como acontecimento pascal. Porém, sabe que isso não acontece automaticamente, é necessária a mediação do bom desempenho dos ministros e da qualidade de

²⁹Sinergia ou sinergismo (do grego συνεργία, συν- (syn-) "união" ou "junção" e -εργία (-ergía), "unidade de trabalho"), é definida como o efeito ativo e retroativo do trabalho ou esforço coordenado de vários subsistemas na realização de uma tarefa complexa ou função. Quando se tem a associação concomitante de vários dispositivos executores de determinadas funções que contribuem para uma ação coordenada, ou seja o somatório de esforços em prol do mesmo fim, tem-se sinergia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sinergia>).

participação de toda a assembleia. Para aperfeiçoar esta mediação, a Rede realiza um projeto ritual, pensa cada rito com todas as dimensões que o envolve. Ela está convicta de que a ação ritual deve ser planejada.

Os tempos litúrgicos marcam cada celebração com suas características, a liturgia celebrada no advento tem características teológicas e espirituais diversas de uma eucaristia celebrada na quaresma ou no tempo pascal. Em certos tempos litúrgicos há celebrações com formas muito específicas que ocorrem apenas uma vez ao ano, como por exemplo, quarta-feira de cinzas, sexta-feira santa, vigília pascal.

Cada parte da ação ritual requer um espaço determinado: o altar, o ambão (estante da palavra), a cadeira da presidência, a entrada da igreja ou capela, o batistério, etc...

As ações rituais são construídas por vários conjuntos de pequenos ritos, por exemplo, o rito de entrada é formado por vários ritos menores, como: procissão de entrada com canto, beijo do altar, saudação, rito penitencial etc... E o rito de entrada, por sua vez, é parte de uma celebração maior. Devido à carga-horária para formação litúrgica geralmente bastante reduzida, tanto nos Institutos de Teologia, quanto em outros cursos e encontros de formação, é muito raro que se consiga organizar uma análise ritual de uma celebração inteira. É mais comum destacar uma pequena parte de uma ação ritual maior, aquilo que a Rede Celebra denomina como recorte, em teatro pode ser entendido como uma pequena cena de um ato. A escolha é feita em função do assunto tratado na formação ou em função da necessidade pastoral. A prática tem demonstrado que, mesmo restringindo a análise ritual a uma parte da celebração, o resultado é benéfico em relação à celebração como um todo: começa-se a prestar mais atenção à peculiaridade de cada rito, ao sentido teológico inerente e atitude espiritual requerido. A análise ritual é o um primeiro momento de um laboratório litúrgico.

Por fim, cada uma das características apontadas acima pode ser vista em três dimensões, atuando conjuntamente: como gesto ritual, com seu sentido teológico e sua espiritualidade, abrangendo assim o ser humano em sua inteireza. No centro de tudo está a ação corporal, sem ela, não há rito, não há ação litúrgica. O corpo expressa a pessoa toda. As atitudes de cunho psicológico e espiritual têm tudo a ver com a postura corporal.

3.8 O Corpo na Liturgia na visão da Rede Celebra

A vida física é um bem fundamental porque todos os outros bens da pessoa se baseiam nela e se desenvolvem a partir dela. O corpo é componente fundamental do existir, do viver, do conhecer, do desejar, do fazer, do ser, etc. É no corpo que o ser humano se expressa socialmente, culturalmente, ritualmente.

Os ritos se fazem presentes em toda parte, eles permeiam a vida do ser humano, pessoal, comunitária e social. Eles se manifestam nas áreas religiosas tradicionais, como também nas áreas da modernidade e pós-modernidade. Não somente nas áreas da vida humana consideradas sagradas, como também naquelas consideradas profanas. A prática ritual é considerada um dado antropológico e cultural universal.

Enquanto realidade humana, também a fé cristã precisa da expressão ritual, simbólica, litúrgica. O rito como gesto humano é, sobretudo um gesto corporal acompanhado de um trabalho cognitivo da mente e de uma valorização afetiva (BUYST, 2011).



Fig 23: Rito de entronização da Bíblia – Missa afro com enculturação dos cantos, danças e vestes (Arquivo pessoal).

Para a Rede Celebra, na medida em que se adquire uma visão holística do ser humano, cria-se condições de perceber e de melhor vivenciar a sua unidade. Os resultados dos estudos interligados à física quântica e à psicologia podem vir a esclarecer o tipo de relação que ocorre na dualidade

corpo-mente durante a ação ritual, de modo que uma determinada ação realizada com o corpo de certa forma gera uma consciência e sensibilidade correspondentes, porque o mental já estaria presente no corporal. Portanto, seriam duas dimensões de uma única realidade, “tudo o que existe é simultaneamente onda (energia) e partícula (matéria) e esta dualidade está à base da relação mente-corpo” (BUYST, 2011, p. 194).

Os liturgistas da Rede consideram que a liturgia não é um discurso sobre Deus, não é teologia, ela é ação simbólica que leva a uma experiência de Deus. A liturgia procura uma comunicação com o sagrado através da operação simbólica. Enquanto a teologia se dirige à inteligência, a liturgia se dirige à pessoa inteira como corporeidade. Corpo, mente, sentimentos e espírito devem estar perfeitamente integrados para que a ação ritual quando executada externamente pelo corpo, seja o resultado de uma autêntica participação do ser inteiro.

Sabe-se que o tema da corporeidade tem sido muito discutido na pós-modernidade. Os liturgistas também têm redescoberto a necessidade de uma liturgia onde os agentes se percebam em sua inteireza.

No que diz respeito à corporeidade na liturgia, Buyst (1999) escreveu sobre a questão da liturgia que fale ao coração. Ela fala da necessidade de cuidar dos ritos e dos sinais simbólicos da liturgia que remetem a um além de si. Os símbolos remetem a outra realidade, ao mistério celebrado.

A participação na liturgia pressupõe o envolvimento de três aspectos:

- I. A ação de participar que diz respeito à coerência entre o gesto externo, a atitude interior e o sentido teológico-litúrgico intrínseco;
- II. O objeto de participação, ou seja, aquilo de que se participa, o mistério salvífico, para onde o gesto ritual aponta simbolicamente;
- III. As pessoas que participam, todos os batizados que participam da ação segundo sua condição de assembleia ou de ministério (MARTÍN *apud* SILVA e SIVINSKI, 2001, p.58).

Participar, do latim tardio *partem-capere* (tomar parte), tem significado próximo a intervir e aderir. Na linguagem litúrgica aparece indicando sempre uma relação com alguém. Um dos conceitos na renovação litúrgica do Concílio Vaticano II foi o de participação. Na *Sacrosanctum Concilium* a participação é caracterizada como algo que, sendo ao mesmo tempo interna e externa, é um princípio que envolve a pessoa toda, sendo entendida como

expressão de coincidência entre atitudes interiores e os gestos externos realizados com o corpo. O que se busca é a superação da condição dos fiéis de meros espectadores para uma participação mais plena, mediante a integração da razão (participação consciente), da interioridade (piedade) e do gesto externo (participação ativa).

Scolas (2009) afirma que o cristianismo se apresenta como a religião de encarnação e que encerra em si uma maneira original de situar o corpo na busca e na revelação de Deus. O corpo não é apenas evocado positivamente, mas também ele se torna o lugar da revelação e do encontro com Deus e em favor do homem. *Scolas* cita o pronunciamento de *Geshe*, em 2002, quando ele sugeriu que se pesquisasse sobre este tema:

(...) O corpo foi quase esquecido nestes caminhos, mas na verdade é de uma importância extraordinária na Escritura e no pensamento (na fenomenologia, por exemplo) de hoje. Diferentemente do animal que é carne, o homem é corpo, o que é bem diferente. Não é pelo corpo (implicando sempre a carne) que vivemos e mantemos harmonia com as coisas e com os outros? Nosso corpo de prazer, como o nosso corpo de sofrimento. Não poderíamos esquecer toda essa questão em uma perspectiva teológica: como nos relacionamos com Deus pelo nosso corpo? O corpo não seria um lugar da visita de Deus, e principalmente, o lugar em que poderíamos fazer vibrar em nós o encontro com Deus? (GESHE; SCOLAS, 2009, p. 9).

A Rede Celebra trabalha no sentido de redescobrir a bondade do corpo humano. É no corpo que se encontra Deus. A experiência mostra que todos os sacramentos estão arraigados na vida corporal: nascimento e morte, sexo e comida, pecado e doença. Nestas realidades corpóreas é que Deus age na vida do ser humano. Radcliffe (2011) faz uma citação que traduz bem o pensamento da Rede:

Só o corpo salva a alma. Dito desta forma, parece bastante chocante, mas a questão está em que a alma (seja ela o que for) submete-se a si mesma, a vida interior ou o que quer que seja que lhe queiram chamar não é capaz de transformar a si mesma. Precisa dos dons que a vida exterior lhe possam alcançar: os efetivos acontecimentos da ação de Deus na história, escutados por ouvidos físicos, o efetivo material de encontros com os crentes onde se partilha o pão e o vinho, os efetivos, maravilhosos, desagradáveis, impossíveis e imprevisíveis seres humanos que encontramos dentro e fora da Igreja. Só neste cenário nos tornamos santos – de maneira inteiramente única para cada um de nós (WILLIAMS *apud* RADCLIFFE, 2011, p. 148).

Por meio de seu trabalho, a Rede Celebra coloca como um de seus objetivos o despertar da consciência corporal. Através dos exercícios, mas também se utilizando da oração e dos ritos procura lembrar ao corpo quem é o

ser humano. A Rede compreende que é impossível cuidar da alma ou do espírito sem se preocupar com o corpo, como também não é possível tratar do corpo sem considerar o aspecto espiritual. Ela insiste em todo trabalho realizado que o ser humano é uma unidade que precisa ser tratada na sua inteireza. Considera fundamental a visão holística do ser humano, que caracteriza em geral as religiões do passado, e tem influenciado as diversas expressões religiosas do presente.

O sistema em que se vive tende a reduzir o ser humano a um corpo sem valor, que só adquire algum valor enquanto uma peça eficiente na produção ou enquanto consumidor ou objeto de desejo sexual. O corpo humano sujeito de relações subjetivas com outros sujeitos desaparece. Num mundo que coisifica tanto o corpo, a Rede procura ser um instrumento profético ao afirmar que Deus acontece no mundo quando o corpo humano é reconhecido na relação entre sujeitos, quando os seus direitos de ter uma vida boa são realizados e quando as pessoas se reconhecem como tais na comunidade.



Fig. 24 e 25 (arquivo pessoal) – Rito da fração do pão que acontece na missa e rito da fração do pão como memória testamentária, que deve acontecer na vida das pessoas.

O corpo é elemento fundamental do existir, do viver, do conhecer, do desejar, do fazer, do ser, etc. É no corpo que o ser humano se expressa socialmente, culturalmente, na liturgia memória testamentária e na liturgia memorial celebrativo ritual. A redescoberta da corporeidade coloca o ser humano num processo de reconstrução de si, ele passa a se compreender a partir da sua inteireza, procurando integrar a tríade: corpo/mente/coração, ou fazer/saber/saborear, ou ainda agir/pensar/sentir; a Rede julga importante chegar à harmonia destes três pontos. Ela entende que para o ser humano integrar-se consigo mesmo e com o meio, e poder sentir-se plenamente saudável, é necessário que se leve em consideração todas as potencialidades biológicas, cognitivas, afetivas e espirituais em unidade.

CONCLUSÃO

O Concílio Vaticano II foi um acontecimento de grande relevância. A reforma litúrgica, preparada pelo movimento litúrgico e, endossada por ele, busca resgatar a participação ativa, consciente e frutuosa do povo, procura resgatar o sentido eminentemente comunitário da liturgia.

Esta reforma terá êxito se a Igreja for capaz de dialogar com as bases, não se deixando conter pelos fenômenos religiosos de tom intimista e individualistas próprios de nosso tempo. O êxito deste diálogo depende de uma metodologia apropriada, de onde se possa partir da verificação e análise de prática celebrativas bem concretas. É o que a Rede Celebra vem procurando realizar com o seu trabalho, com resultados bem positivos.

No que diz respeito à metodologia utilizada pela Rede para o desenvolvimento da consciência do corpo, observamos muitos avanços juntos às equipes que têm participado dos laboratórios litúrgicos. Mas o trabalho não é fácil, a equipe lida com a concepção de corpo e alma que o grupo tem, lida com o seu imaginário, com sua visão de mundo, com a seu modo de entender a Igreja, etc.

A influência do dualismo filosófico continua ainda muito forte, ele persiste na liturgia oficial da Igreja, nela se procura valorizar mais a liturgia dogmática, onde a abordagem é quase exclusiva sobre os textos e as rubricas, assim se reforça o dualismo teoria-prática, sujeito-objeto, concepção-execução, mente-corpo, pensamento-sentimento. Por outro lado, a liturgia aparece como a busca da satisfação individual, intimista e devocional. Não é difícil constatar que da renovação conciliar só foram assumidas algumas formas exteriores como a língua vernácula, novos rituais, mudança na disposição do espaço litúrgico e uma maior participação dos presentes nas respostas e nos cantos. Tudo isso, porém, necessitaria de uma melhor adequação.

Percebemos que a Rede Celebra ao se inspirar na espiritualidade holística tem conseguido bons resultados no sentido de superar esta concepção. Ela tem levado as pessoas envolvidas nos laboratórios de liturgia a perceber que o gesto corporal é ao mesmo tempo uma realidade psíquica que envolve razão e afeto, e é também uma realidade espiritual. Elas passam a

entender que não há qualquer ação espiritual ou psíquica que não envolva a corporeidade.

Consideramos como uma descoberta importante para aqueles que têm participado dos laboratórios, o fato de que para se alcançar a verdadeira participação na liturgia não basta gesticular, movimentar o corpo, dançar. Ele passa a considerar que é necessário vivenciar cada instante da celebração litúrgica buscando a harmonia entre gesto corporal, sentido teológico e atitude interior. Isso se deve ao resgate da simbologia, nos laboratórios litúrgicos os ritos são valorizados nos sinais sensíveis que passam pela corporeidade da pessoa: na reunião das pessoas, na saudação, no abraço, nas orações faladas e cantadas, na proclamação e na escuta das Escrituras, no sentir a água, na unção, no andar em procissão, no ajoelhar-se, no sentar-se e no colocar-se de pé, etc. A cada experiência é possível perceber que as pessoas envolvidas neste trabalho vão pouco a pouco ultrapassando o uso mecânico do corpo ao redescobrir a dimensão simbólica da liturgia.

Os laboratórios de liturgia têm contribuído para uma melhor compreensão do cosmo. As pessoas vão descobrindo que a liturgia é relação com Deus, com o próximo, consigo mesmo, com o espaço, com a natureza. O ser humano constrói a si mesmo a partir dessas relações. E, descobrir que o mundo é sua morada, na qual ele cresce e no qual se vive, faz com que desabroche nele um sentimento de querer cuidar, defender, proteger. Outra conquista da parte dos participantes é perceber que o cosmo tem muito a ensinar, o homem não se interpreta apenas em relação a si mesmo, ou relação com os seus semelhantes, ou mesmo em relação a Deus, mas também em relação ao cosmo. Neste sentido, a Rede Celebra, através dos laboratórios de liturgia, tem ajudado as pessoas a olhar para a água, a terra, o fogo, as pedras, o fogo, etc.; assim, passa-se a compreender o cosmo não apenas como morada, mas também como lugar de salvação.

Um dos objetivos da Rede Celebra é recuperar a liturgia como caminho de espiritualidade. Ela compreende que o corpo, a mente, alma e o espírito formam uma unidade pela qual o ser humano pode ter acesso ao divino. Através de seus laboratórios a Rede tem ajudado a muitas equipes de liturgias e outros grupos eclesiais a se descobrirem em sua inteireza. Ela tem auxiliado também a superar o racionalismo, o verbalismo e o ritualismo.

Verificamos também que as atividades da Rede têm levado as pessoas redescobrir ou a aperfeiçoar a sua missão no mundo. Os laboratórios litúrgicos da Rede Celebra não estão voltados apenas para a ritualidade. Eles levam as pessoas a celebrarem melhor a liturgia, porém, desenvolvem a consciência de que a liturgia continua na vida das pessoas como memória testamentária. Através dos ritos celebrados surge uma consciência de missão que leva os fiéis a se sentir responsáveis por uma nova ordem social e cósmica.

Esta pesquisa limitou-se a descrever e sistematizar o trabalho realizado pela Rede Celebra apoiando-se em fontes bibliográfica e documental, tendo como objeto de pesquisa o corpo. Fica a necessidade de outras pesquisas para que melhor seja detectado o alcance e o impacto da proposta do laboratório litúrgico nos ambientes onde ele é realizado.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ Matias. *Liturgia*. São Paulo: Ave Maria, 2007.
- ALDAZÁBAL, José. *Gestos e símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005.
- BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. *Laboratório Litúrgico: pela inteireza do ser na vivência ritual*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BECKHAUSER, Frei Alberto ofm, *Os Fundamentos da Sagrada Liturgia*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BUYST, Ione. *O segredo dos ritos*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BERGER, Peter Ludwig. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder*. São Paulo: Ática, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura de Rua*. Campinas: Papirus, 1989.
- BUYST, Ione. *Como estudar liturgia*. São Paulo: Paulus, 2007.
- _____. *O Mistério Celebrado*. São Paulo: Paulinas. 2003.
- _____. *Símbolos na Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- _____. *Celebrar com Símbolos*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- _____. *O Segredo dos Ritos*. São Paulo: Paulinas. 2011.
- CARTA DE PRINCÍPIOS. *Rede Celebra*, São Paulo, 15 de dezembro de 1995.
- CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAZENEUVE, Jean. *Sociologia do Rito*. Porto: Rê s/d.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2001.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Tradução Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulus, 1989.

GESHÉ Adophe; SCOLAS Paul. *O corpo, caminho de Deus*. São Paulo: Loyola, 2009.

GIVENS, David: *A linguagem corporal no trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2011.

KREUCH, João Batista. *História do Corpo*. Petrópolis: Vozes, 2008 (Volume I dirigido por: Alain Corbin; tradução: Volume II dirigido por Jean-Jacques Courtine; tradução: Ephraim Ferreira Alves. Volume III dirigido por: Georges Vigarello; tradução: Lúcia M. E. Orth).

LELOUP, Jean-Yves. *O corpo e seus símbolos*. Petrópolis, 1998.

MARDONES, José María. *A vida do símbolo: A dimensão simbólica da religião*. São Paulo: Paulinas, 2006.

MARETZKI Guerry. *Corpo Análise. Soma e psyché: construindo uma relação equilibrada*: Senac, 2010.

MATTOS, Maria Izilda S. *O corpo e a história: ocultar, expor e analisar*. Belo Horizonte. São Paulo: Paulinas, 2005.

MAUSS, Marcel. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

MELLO, Luiz Gonzaga de. *Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas*. Petrópolis: Vozes, 1987.

MERLEAU-PONTY Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 11-59.

MIRANDA, Evaristo Eduardo. *Corpo, território do sagrado*. São Paulo: Loyola, 2002.

MOLTMANN, Jurgen. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 2010.

PEASE, Allan. *Linguagem corporal*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

RADCLIFFE, Timothy. *Porque ser cristão?* São Paulo: Paulinas, 2011.

REYES, Pedro Afonso Puentes. *O corpo como parâmetro antropológico na bioética*. Tese (Doutorado em Teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, RS, 2005. p. 11-59.

RIVIÈRE, Claude. *Os ritos profanos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

ROCHER, Guy. O Simbolismo e a Ação Social. In: ROCHER, Guy. *Sociologia Geral I*. Lisboa, Editorial Presença, 1971. p. 155-182.

ROSA, Wanderley. *O Dualismo na Teologia Cristã*. Fonte editorial, 2010.

ROTH, Wolfgang. *Introdução à psicologia de Jung*. Trad. Edgar e Enio Paulo Giachini. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

RÚBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na Pluralidade : O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2006.

RUIZ, Castor Bartolomé. *Os paradoxos do imaginário*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

SANT'ANNA Denise Bernuzzi de. Corpo e História. In: II SEMINÁRIO SOBRE CONTEMPORANEIDADE.. Feira de Santa: 2000

SILVA, Frei José Arioaldo ofm; SIVINSKI, Pe. Marcelino. *Liturgia: Um direito do povo*. Petrópolis: Vozes, 2001.

SARTORE, Domenico; TRIACCA Achille. *Dicionário de Liturgia / organizadores tradução Isabel Fontes Leal Ferreira – São Paulo: Paulus, 1992 .*

SOTER (Org.). *Corporeidade e teologia*. São Paulo: Paulinas, UEFS, 2005.

STANISLAVSKY, Constantin. *A Preparação do Ator*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1991.

SUSIN, Luiz Carlos. *A Criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

TERRIN, Aldo Natale. *O rito, antropologia e fenomenologia da ritualidade*. São Paulo: Paulus, 2004.

THOMPAKOW, Roland; WEIL, Pierre. *O corpo fala*. Petrópolis: Vozes, 1986.

VALVERDE; MONCLAR. Corpo e sensibilidade. In: II SEMINÁRIO SOBRE CONTEMPORANEIDADE. Feira de Santa: UEFS 2000.

ZIMMERMANN, Elisabeth. *Corpo e individuação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

Carta de Princípio (Rede Celebra)

<http://edfisaeremecjf.blogspot.com.br/2012/05/historia-da-danca.html>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Of%C3%ADcio_Divino_das_Comunidades

<http://histdanca.blogspot.com.br/2012/08/dancas-primitivas.html>

<http://edfisicaeremecjf.blogspot.com.br/2012/05/historia-da-danca.html>

[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/e2/Church_dura.jpg/230px- Church_dura.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/e2/Church_dura.jpg/230px-Church_dura.jpg)

http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Santa_Sabina_inside.JPG

www.google.com.br/search?q=imagens+da+liturgia+romana+antiga&tbm

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hilemorfismo>

[http://www.infopedia.pt/\\$priscilianismo](http://www.infopedia.pt/$priscilianismo)

www.pliniocorreadeoliveira.info/Cruzado0303.htm

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro>

http://www.portal.ecclesia.pt/ecclesiaout/liturgia/liturgia_site/dicionario

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Agape_feast_07.jpg

<http://lerever.wordpress.com/2010/02/23/aorante/><http://historiasevariaveis.blogspot.com.br/2011/08/arte-paleo-crista-seculos-iii-iv.html>

<http://www.redecelebra.com.br/galeria.php?id=82>

<http://www.casadajuventude.org.br>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sinergia>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_vinda_de_Cristo